



Caderno de Resumos do  
III Seminário dos Acadêmicos  
Indígenas do Acre



A Arte como Expressão de Cultura e  
Conhecimento dos Povos Originários



**Fabiana Nogueira Chaves (Org.)**

**21 e 22 de Novembro de 2024**

**Pró-Reitoria de Extensão e Cultura**

**Universidade Federal do Acre - Campus Floresta - Cruzeiro do Sul, Acre.**



Caderno de Resumos do  
**III Seminário dos Acadêmicos  
Indígenas do Acre**

A Arte como Expressão de Cultura e  
Conhecimento dos Povos Originários

**Fabiana Nogueira Chaves (Org.)**

Universidade Federal do Acre  
Pró-reitora de Extensão e Cultura

**Caderno de Resumos do III Seminário dos Acadêmicos Indígenas do Acre  
A Arte como Expressão de Cultura e Conhecimento dos Povos Originários**

**Expediente**

**Organização**

Fabiana Nogueira Chaves

**Arte**

Kirlen Lima de Souza Apurinã  
Sina Yawanawa

**Diagramação**

Fabiana Nogueira Chaves  
Riquiel Alves de Souza

**Produção**

Amilton Pelegrino de Mattos  
Fabiana Nogueira Chaves  
Lya Januária Vasconcelos Beiruth  
Carlos Paula de Moraes  
Riquiel Alves de Souza

**Diretoria de Arte, Cultura e Integração Comunitária**

Lya Januária Vasconcelos Beiruth

**21 e 22 de novembro de 2024  
Campus Floresta – Cruzeiro do Sul – Acre**

## **Administração**

Reitora

Prof<sup>a</sup>. Dra. Margarida de Aquino Cunha

Vice-reitor

Prof. Dr. Josimar Batista Ferreira

Pró-reitor de Extensão e Cultura

Prof. Dr. Carlos Paula de Moraes

Pró-reitora de Graduação

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ednaceli Abreu Damasceno

Pró-reitor de Administração

Tone Eli da Silva Roca

Pró-reitor de Assuntos Estudantis

Prof. Dr. Isaac Dayan Bastos da Silva

Pró-reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas

Filomena Maria Oliveira da Cruz

Pró-reitor de Planejamento

Prof. Msc. Alexandre Ricardo Hid

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margarida Lima Carvalho

**DISCENTES BOLSITAS INTEGRANTES DO PROJETO DE APOIO E INTEGRAÇÃO DOS  
POVOS ORIGINÁRIOS JUNTO A UFAC**

Alice Vitoria da Silva Brandao Shanenawa  
Angela Nunes da Silva Machinery  
Clemisson Bezerra Gomes da Silva  
Gildeir Kaxinawa de Matos  
Gilmar Matos da Silva Kaxinawa  
Hercules da Silva Matos Kaxinawa  
Kirlen Lima de Souza  
Maria Fernanda Pereira deOliveira Nukini  
Maria Valderlene Souza da SilvaBrandão  
Maria Valeria Souza dos Santos Puyanawa  
Máximo Pequeno Yawanawá  
Rair Souza dos Santos Puyanawa  
Romagerio da Silva Matos de Araújo Kaxinawa  
Thais de Oliveira Ferreira  
Wytlen Lima de Souza

**DISCENTES BOLSISTAS INTEGRANTES DO PROJETO ARTES VISUAIS COMO EXPRESSÃO  
DE CONHECIMENTO DOS POVOS ORIGINÁRIOS**

Alzirene do Nascimento Nunes Kaxinawá

Paulo Silva dos Santos Katukina

Jose Mateus Kaxinawá

Jonze Kaxinawá de Matos

Elizael Barbosa Silva Kaxinawa

Djane Nunes Barbosa Kaxinawá

Alexandre da Silva Ferreira Kaxinawá

Benjamin Andre Katukina

Duzilda Pinheiro Paulino Kaxinawá

Marcos Sampaio Feitosa Kaxinawá



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	10
BATISMO RÃPAYA E SEUS SAGRADOS PAKARÎ .....	12
PINTURA CORPORAL HUNIKUI E SUA CANTORIA SAGRADA .....	13
A IMPORTÂNCIA DO RAPÉ NA CULTURA NUKINI: PREPARAÇÃO E USO DA MEDICINA TRADICIONAL COM O SANU .....	14
A ARTE COMO EXPRESSÃO DE CULTURA E CONHECIMENTO DOS POVOS INDÍGENAS DO ACRE .....	15
MÚSICA DE PLANTIO DO POVO SHANENAWA .....	16
DIETA DO POVO NOKE KOI .....	17
LITERATURA INDÍGENA INFANTOJUVENIL: ENUNCIADOS VERBAIS E NÃO VERBAIS EM <i>A BOCA DA NOITE</i> .....	18
MITOS/HISTÓRIAS HUNIKUI .....	19
A TERRA FALA: UM MERGULHO NA DIVERSIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS POR MEIO DE EXPERIMENTOS SOCIAIS .....	20
MATERIAL DE APOIO AO ENSINO DE LINGUAGENS E ARTES NUKINI .....	21
BATISMO DO JENIPAPO EM CRIANÇAS HUNIKUI .....	22
A PRÁTICA DO CAÇADOR SHANENAWA .....	23
MÚSICA APOLIMA ARARA .....	24
KATXA NAWA COMO PRÁTICA CULTURAL E PERFORMATIVA HUNI KUI .....	25
DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE HUNI KUIN NA UFAC .....	26
O RAPÉ DO POVO NOKE KOÍ .....	27
KATXANAWA: A DANÇA DO KATXA HUNI KUI .....	28
NEGOCIAÇÕES ENTRE PESSOAS INDÍGENAS E PESSOAS NÃO INDÍGENAS: OS SHANENAWA, POVO DO PÁSSARO AZUL .....	29
HAI IKA .....	30
MEDICINA TRADICIONAL HUNI KUI .....	31
A LITERATURA E TRADUÇÕES: PINTURAS E TINTAS NATURAIS DA FLORESTA .....	32
MIMÃ XARABU: ARTESENATO HUNIKUI .....	33

KATXA NAWA: A FESTA DO ALIMENTO DO POVO HUNI KUĨ DE FEIJÓ .....	35
HUNI MEKA, MÚSICA DO CIPÓ (NIXI PAE) .....	37
TERRITORIALIDADES HUNI KUIN NA CIDADE DE SANTA ROSA DO PURUS .....	38
PLANTANDO CONHECIMENTO .....	39
PLANTAS MEDICINAIS DO POVO NAWA .....	40
YOASKA, BEBIDA SAGRADA .....	41
A VIVÊNCIA DO CAÇADOR HUNI KUI .....	43
ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL HUNIKUI .....	44
MÚSICAS DO POVO APOLIMA ARARA .....	45
IMAGENS DA TRANSFORMAÇÃO HUNI KUI .....	46
PAE TXANIMA, MÚSICA PARA CHAMAR A FORÇA DO CIPÓ .....	47
A CHUVA (UY) PARA O POVO PUYANAWA .....	49
ALIMENTAÇÃO DO POVO APURINÃ: O CASO DA TERRA INDÍGENA VALPARAÍSO .....	50
PINTURA CORPORAL NAWA .....	52
RELATÓRIO DE PESQUISA SOBRE O PPP DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA RURAL PEDRO ANTÔNIO DE OLIVEIRA .....	53
O XIRUWE DO POVO PUYANAWA .....	54
A RELAÇÃO DO POVO NUKINI COM A LINGUAGEM ANIMAL E VEGETAL .....	55
DIETAS PARA MULHERES GRÁVIDAS DO POVO SHANENAWA .....	56
KĔDE TSITSAYA PUYANAWA .....	57
MÚSICA YUA KENATY DO POVO SHANENAWA .....	58
PINTURA CORPORAL .....	59
CLÃS DO POVO NUKINI .....	60
KATXA NAWÁ HUNI KUI .....	61
MEDICINA TRADICIONAL HUNI KUI .....	62
A PINTURA DO JENIPAPO .....	63
KĀPO, MEDICINA SAGRADO .....	64
KENES NUKIN .....	65
PUPU ITXŪTI .....	66
A ARTE DO KENE - NUKU KENE KENA XARABU .....	67

SIDUÃ: MEDICINA QUE SERVE PRA MORDIDA DE COBRA .....	69
TRADUÇÃO DOS ANIMAIS E VEGETAIS ATRAVÉS DE UMA HISTÓRIA NUKINI .....	70
CONHECIMENTOS HUNI KUI DA MEDICINA DO NIXI PAE .....	71
YUINAHAW ATU KENE, PINTURAS TRADICIONAIS DOS ANIMAIS .....	72
PROCESSOS PARA PRÁTICA DE TECELAGEM HUNI KUIN .....	74

## APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que a Diretoria de Arte, Cultura e Integração Comunitária (Dacic), unidade integradora da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proex), da Universidade Federal do Acre (Ufac) publica o Caderno de Resumos do III Seminário dos Acadêmicos Indígenas do Acre, que neste ano tem como tema **A Arte como Expressão de Cultura e Conhecimento dos Povos Originários**. O seminário é um evento de extensão ligado ao Projeto de Apoio e Integração dos Povos Originários junto a Ufac (Edital Proex nº 07/2024), que trabalhou junto a 15 estudantes bolsistas na construção do evento. Também se incorpora à programação do seminário o Projeto de Extensão Artes Visuais como Expressão de Conhecimento dos Povos Originários (Edital Proex nº 25/2024), que envolve 10 estudantes artistas indígenas, produtores de exposições artísticas paralelas às atividades acadêmicas.

Em 2024 o seminário acontece no Campus Floresta da Ufac, na cidade de Cruzeiro do Sul, nos dias 21 e 22 de novembro. Em sua terceira edição, esta é a primeira vez que conseguimos compilar os conhecimentos compartilhados durante o evento em uma publicação. Publicizar os trabalhos desenvolvidos por indígenas e divulgar sua riqueza cultural é uma das maneiras de preservar costumes e de desmistificar a produção científica na Amazônia.

Neste caderno de resumos estão expressos modos de vida e registros culturais de 16 povos indígenas que hoje integram a Universidade Federal do Acre: Shanenawa, Yawanawá, Noke Koin, Sayanawa, Jaminawa-Arara, Apolima-Arara, Shawãdawa, Puyanawa, Nukini, Nawas e Ashaninka. São 56 resumos de estudantes que agregam seus saberes tradicionais à universidade e que buscam a construção de uma Ufac mais plural e acolhedora.

A compilação desses trabalhos objetiva contribuir para o conhecimento da riqueza cultural dos povos originários acreanos e atentar para as peculiaridades e diversidades que constroem esse território. São culturas materialmente vivas que em muito podem

contribuir para a construção de uma sociedade menos predatória e mais igualitária, com a valorização da arte integrada à cotidianidade.

Por meio da produção de resumos para este caderno, alguns acadêmicos indígenas tiveram o primeiro contato com a pesquisa universitária. É preciso ressaltar que para muitos deles o Português configura-se como segunda língua, somando-se a isso o caráter oral das línguas indígenas, o que interpôs um esforço a mais para essa produção científica.

A produção acadêmica indígena e os registros dos costumes e tradições de povos originários diversos que compõe o território acreano, em muito podem ensinar a universidade a compreender, de fato, o caráter transversal da cultura, a universalidade da cultura e sua capacidade de integrar, acolher e produzir pertencimento. A cultura como algo a ser vivido e não apenas consumido. A cultura como cotidianidade e não apenas como espetáculo. A cultura como meio, e não apenas como fim.

Fabiana Nogueira Chaves

Coordenadora do III Seminário dos Acadêmicos Indígenas do Acre



## BATISMO RĀPAYA E SEUS SAGRADOS PAKARĪ

Muru Huni Kui (Alexandre da Silva Ferreira Kaxinawa)<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este é um trabalho de uma pesquisa que foi realizada na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, aldeia Belo Monte, Mae hãu rua biri, localizada no baixo rio Envira, município de Feijó, Acre, em setembro de 2024. A pesquisa foi realizada nos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas Huni Kuî sobre a linguagem de animais e vegetais, orientada para o batismo rāpaya e seus sagrados pakarî (cantos). Esta pesquisa foi desenvolvida pelas pessoas conhecedores da comunidade, que são o senhor Pedro Barbosa da Silva Kaxinawa, Kupi Inu Bake Kena Biski, e a senhora Francisca Barbosa da Silva Kaxinawa, os anciões da aldeia e pajés da medicina tradicional que tem um grande conhecimentos do batismo sagrado, o rāpaya. O rāpaya é realizado pelos povos indígenas Huni Kuî para fortalecer a aprendizagem na língua indígena hãtxa kuî. No momento do batismo, os pajés fazem o ritual usando as técnicas dos vegetais, pimentas malagueta machucadas em uma vasilha, e uma pequena quantidade de algodão enrolado em um palito, fazendo a cantoria sagrada do pakarî, que envolve as linguagens de vegetais e animais, como é o caso das aves que são: araras/shawã, papagaio/bawa, periquito/pitsu, japinim/txana, maracanã/txaya entre outros. Todo esses animais são muito importantes na cantoria, que envolve a comunicação da linguagem das aves que têm o cântico de sua natureza através desses animais que fortalecem, transmite a voz e linguagem para o ser humano aprender a falar o idioma e a identidade do povo indígena. Por ter esse conhecimento na realidade, ele é praticado na cultura do povo originário.

**Palavras-chave:** Nawa na Nukü, Pesquisa Huni kuî, Batismo Rāpaya, Hãtxa Kuî.

---

<sup>1</sup> Muru é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Vive na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, aldeia Belo Monte, rio Envira, município de Feijó, Acre. shenipabu@gmail.com



## PINTURA CORPORAL HUNIKUI E SUA CANTORIA SAGRADA

Alzirene do Nascimento Nunes Kaxinawá/Parã<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na aldeia Iskuia, médio rio Envira, Feijó, Terra Indígena Currálinho, em setembro de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre o conhecimento tradicional do meu povo Hunikui que traduz a linguagem dos animais e vegetais, através do grafismo tintura de jenipapo. Desenvolvi essa pesquisa entrevistando meu tio Antônio Bane de 42 anos, que trabalha como agroflorestal na aldeia Terra indígena de Nova Olinda alto rio Envira. Também traduzimos a linguagem dos animais e vegetais em cantoria sagrada. Essa cantoria sagrada fala de cada significado de cada grafismo dos animais e vegetais. Para a realização dessa pesquisa, fizemos juntos uma filmagem da pintura corporal. Bane explicou então que a comunicação acontece quando a gente faz um batizado. Sentimos então a conexão do jenipapo dentro do nosso corpo e passamos a nos comunicar com os animais e vegetais e assim passamos a traduzir a linguagem dos animais e vegetais através da vibração do canto sagrado pakari ika. Essa prática que nós fazemos é para desenvolver habilidade e fazer o grafismo dos animais e vegetais. Os animais vegetais que se envolvem nessa prática do meu povo vem sendo repassado de geração e geração através de clã inani/banu. Escolhi esse conhecimento para mostrar na prática através do áudio visual como o objetivo de deixar esse conhecimento registrado. O conhecimento do povo Hunikui que traduz a linguagem dos animais vegetais

**Palavras-chave:** Povo Hunikui, Pinturas corporais, Tintas naturais, Música Hunikui, Grafismos Hunikui.

---

<sup>1</sup> Parã é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## A IMPORTÂNCIA DO RAPÉ NA CULTURA NUKINI: PREPARAÇÃO E USO DA MEDICINA TRADICIONAL COM O SANU

Ana Clara Muniz da Silva Nukini <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada na Aldeia Meia Dúzia (Pãñã), localizada na Terra Indígena Nukini, no Rio Moa, município de Mâncio Lima. A pesquisa aborda a medicina tradicional do rapé, uma prática sagrada adotada por vários povos indígenas, incluindo o povo Nukini. O rapé é considerado uma ferramenta de fortalecimento cultural e espiritual, utilizado em momentos de cura e trabalho comunitário. O estudo se baseia em entrevistas com meu tio, Xãnaru, uma liderança indígena local, que compartilhou o profundo respeito e conhecimento sobre o processo de preparação do rapé e a importância do Sanu, a casca de uma árvore, que é fundamental no feitiço dessa medicina. Segundo Xãnaru, o rapé não é apenas um remédio, mas uma prática de conexão espiritual e cultural. Ele é preparado a partir do tabaco, que, após secar ao sol por três semanas, é misturado com outras medicações tradicionais. O Sanu passa por um processo complexo de queima e peneiração até atingir a textura ideal para o feitiço. A medicina envolve também uma comunicação profunda com animais como o jabuti, o gavião e o beija-flor, além de medicações vegetais como a rosa branca e a samaúma, a rainha da floresta. O rapé (Irumã), além de ser utilizado em cerimônias como as rodas de Uni e festas tradicionais como o Kanawe (Caiçuma), tem aplicação medicinal em tratamentos de gripes e resfriados, demonstrando seu valor tanto no campo espiritual quanto na saúde física. O estudo busca registrar e valorizar o conhecimento tradicional Nukini, evidenciando o papel do rapé na preservação e fortalecimento da cultura do nosso povo.

**Palavras-chave:** Nukini, Rapé, Sanu, Medicina Tradicional, Cultura Indígena.

---

<sup>1</sup> Ana Clara Muniz da Silva Nukini é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. shenipabu@gmail.com



## A ARTE COMO EXPRESSÃO DE CULTURA E CONHECIMENTO DOS POVOS INDÍGENAS DO ACRE.

Ângela Nunes Silva Manchinery <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho aborda as expressões artísticas dos povos indígenas do Acre, discutindo a importância da arte como um meio de transmitir cultura, espiritualidade e conhecimentos tradicionais, com foco nos elementos naturais e espirituais da floresta. As manifestações artísticas dos povos indígenas, como músicas, pinturas corporais, rezos e rituais, são essenciais para a manutenção de sua cultura e identidade. Essas expressões não apenas exaltam suas tradições, mas também refletem a profunda conexão com a floresta, que é vista tanto como fonte de sustento material quanto espiritual. O objetivo é conhecer as principais formas de expressão artística entre os povos indígenas do Acre, destacando como essas práticas reforçam a conexão entre a cultura, a espiritualidade e o meio ambiente. O intuito é compreender a função social e espiritual da arte nesses contextos, como o uso de músicas, pinturas corporais e materiais naturais para confecção de adornos utilizado na arte indígenas estão profundamente ligadas à espiritualidade e à preservação do meio ambiente. Músicas e cânticos sagrados conectam os povos às forças espirituais da floresta, enquanto pinturas corporais e grafismos, elaborados com tintas naturais, servem como formas de proteção e expressão de respeito à natureza. Além disso, o uso sustentável de materiais da floresta, como palhas e sementes, reforça a relação de equilíbrio entre os povos e o ambiente. Essas expressões artísticas demonstram a sabedoria ancestral em relação à sustentabilidade e à espiritualidade, reforçando a importância de proteger e preservar as florestas amazônicas para as futuras gerações.

**Palavras-chave:** Arte Indígena, Cultura, Espiritualidade, Povos do Acre, Floresta.

---

<sup>1</sup> Ângela Nunes Silva Manchinery é estudante do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre, campus Rio Branco, [angela.manchinery@sou.ufac.br](mailto:angela.manchinery@sou.ufac.br).



## MÚSICA DE PLANTIO DO POVO SHANENAWA

Antonio Geovane da Silva Damasceno Kaxinawá<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Meu nome é Geovane Tuî. Moro no município de Feijó, Acre, Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, aldeia Kene Mera, baixo rio Envira. Para a apresentação do III Seminário dos Acadêmicos Indígenas do Acre escolhi a trabalhar com a música porque ela faz parte da nossa vida e está ali presente no nosso dia a dia. Essa música *yura kenati* é cantada quando vamos plantar em nossos roçados os legumes que comemos, como a macaxeira, banana, batata, yãmi, mamão, cana e feijão. Ela é cantada para chamar a força dos espíritos dos legumes, para que venham a nascer e crescer fortes e saudáveis. Ela também é cantada nas vivências, festivais e intercâmbios para fortalecer ainda mais e não faltar esses legumes para o povo e aldeias shanenawa. Essa música é muito sagrada para o povo e principalmente para os legumes. Ela também tem uma relação com os animais e vegetais muito importante, que fala para os animais não mexer, ou seja, não comer os legumes naquele espaço onde estão plantados esses legumes. Isso porque os animais também se alimentam desses vegetais. É o caso da cutia que gosta de comer a macaxeira, a paca come o milho etc. e essa música pede para esses animais que fiquem distantes desses vegetais. A minha pesquisa foi feita dentro da minha comunidade em abril de 2024, com a senhora Maria Juraci Brandão Shanenawa, de setenta e dois anos de idade, a anciã mais idosa da aldeia, em sua residência, em forma de vídeo, desenhos e escrita.

**Palavras-chave:** Povo Shanenawa, Música Shanenawa, Rituais, Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Tuin é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## DIETA DO POVO NOKE KOI

Benjamin Andre Katukina SHERE<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** A minha pesquisa é sobre tema de dieta, conhecimento do povo Noke Koi. Na nossa tradição sempre nós fazemos dieta, mas deixamos de fazer dieta e agora tá acontecendo muitas outras coisas dentro do povo que não é para acontecer por falta de dieta. Estão acontecendo vários problemas diferentes com as crianças, com jovens, com adulto. Eu estou organizando esse trabalho de pesquisa na minha comunidade e dentro do meu povo. Tenho sentado com com mais velho, mais velha, aqueles conhecedor da cultura, feito pesquisa perguntando, entrevistando, tirando fotos, gravando e desenhando. Eu vou fazer essa pesquisa com esses anciãos para mostrar esse é futuramente vai servir para nova geração que estão chegando para conhecer como é que o povo Noke koi faz uma dieta para viver nessa terra, onde nós todos moramos. Eu quero apresentar esse trabalho importante para saberem como é que a gente vivia antigamente, pois hoje não estão cumprindo essa dieta. Eu vou levar o nome desse velho que eu pesquisei, de cada um que eu entrevistei e apresentar um pequeno vídeo gravado. Eu quero levar meus alunos do ensino médio para participar dessa apresentação do meu trabalho na universidade, pois meus alunos vão conhecer, vão aprender e vão respeitar mais a dieta e aí eu vou conversar para fazer mesmo essa dieta. Essa dieta é sobre alimentos que a gente não pode comer durante gravidez, durante juventude e adolescência, durante a velhice. Não pode comer e não pode fazer certas coisas. É importante fazer dieta durante a nossa vida aqui na terra para não acontecer certas coisas: dieta para fazer união na família, dieta para não pegar doença, dieta para parto normal, dieta para caçada, dieta para não nascer cabelo branco, dieta para não nascer com o rosto manchado, dieta para o dente não estragar tão cedo etc.. A gente não está mais fazendo essa dieta e está perdendo o cabelo, ficando careca, problema de visão, nasce mancha branco no rosto dos homens, das crianças ou das mulheres, crianças nascem com deficiência. Não tinha problema de parto e agora as mulheres que estão sendo levadas para o hospital e são cortadas, estão fazendo cirurgia para cortar a barriguinha delas. Então por isso que é importante voltar a fazer essa dieta, para que o povo não sofra mais essas consequências, por isso eu quero passar esse conhecimento que já vem trazendo muito tempo a gente não está mais fazendo e eu quero passar para a nova geração para que futuramente dê tudo certo.

**Palavras-chave:** Povo Noke Koi, Dieta, Medicina Noke Koi.

---

<sup>1</sup> Shere é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## LITERATURA INDÍGENA INFANTOJUVENIL: ENUNCIADOS VERBAIS E NÃO VERBAIS EM A *BOCA DA NOITE*

Clécio Ferreira Nunes <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este trabalho parte de uma pesquisa que busca evidenciar o poder da palavra por duas perspectivas: a escrita e a arte visual (ilustração) ou ainda a linguagem verbal e não verbal, na obra *A boca da Noite* de Cristino Wapichana. A escolha da obra parte pelo viés de apresentar narrativas do contexto amazônico, ou seja, o escritor é de Roraima, localizada na Amazônia sul ocidental e suas obras constroem, narram, inventam, imaginam e evidenciam a amazônia pela perspectiva indígena, ou melhor, pelo olhar de um Wapichana. Paralelamente a essa questão, ainda há um olhar homogêneo no que se refere a leitura de textos literários considerados infanto juvenis, isto é, leitores consideram que a ilustração é uma complementação do texto escrito ou apenas desenhos gráficos que ilustram aquilo que foi construído pela linguagem verbal. Partimos da perspectiva de que o texto não verbal (ilustração) é uma (re)interpretação do texto verbal, e portanto, ao invés de complementar ocorre a formulação de um outro texto que ajuda na interpretação daquilo que não foi escrito ou dito pelo texto verbal. Ao se tratar da literatura indígena infanto juvenil, deve-se ter um olhar mais acurado na leitura e interpretação, pois há na construção textual as narrativas, culturas e identidades indígenas, que partem da oralidade, da memória pessoal e coletiva assim como da memória ancestral. Dessa forma, compreendemos que é de suma importância que leitores indígenas e não indígenas entendam as diferenças, similaridades e complementaridades dos textos verbais e não verbais nas narrativas indígenas, em específico na obra *A boca da Noite* de Cristino Wapichana.

**Palavras-chave:** Literatura indígena infanto juvenil, narrativas e memórias ancestrais, textos verbal e não verbal.

---

<sup>1</sup> Clécio Ferreira Nunes ou Muru Huni Kuin é graduado em letras inglês, graduando em jornalismo bacharel e mestrando em letras pela Universidade Federal do Acre - UFAC, Campus sede. Seus interesses de pesquisa se concentram na literatura indígena em específico literatura indígena infantojuvenil e literatura indígena feminina. email: nclecio000@gmail.com.



## MITOS/HISTÓRIAS HUNIKUI

Yube Hunikui (Cledeilton Nunes Pereira Kaxinawá)<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O referente trabalho resulta de uma pesquisa realizada na aldeia Belo Monte, Terra Indígena Katukina/Kaxinawá, município de Feijó, AC, baixo rio Envira, nos meses de janeiro e fevereiro de 2024. Esta pesquisa consiste de mitos, histórias do povo Hunikui sobre os encantos, a transformação, pois traduz as conexões da linguagem dos yuxibu, como as histórias de shawã bú è Dú nibu, shuru Dume, nixi pae, pois são as histórias com que conversamos com os pássaros, floresta, espírito e animais. Então desenvolvi estas pesquisa gravando áudio com os anciãos historiadores como meu próprio pai, Isa Ibã Carlos Calista, de 59 anos, Pedro Barbosa, 62 anos, meu tio Tene Julio Nunes. São conhecedores de histórias, medicina, música com a qual nos comunicamos com os mundo vegetais, espíritos, animais, encanto. História é uma das técnicas principais da linguagem, pois expõe o porque das origens da transformação surgida ha milhares de décadas, seja do kene, medicina e animais, são uma linha invisível de tradução ligado á música, dietas, animais, vegetais, corpo mente. O Pajé da história explicou que a comunicação linguagem acontece quando o mito é narrado, ciências da história e que só pode ser contado na parte da noite. Isso também é comunicação conectividade com espíritos vegetais animais traduzindo seus gestos de ligações nos corpos espíritos. As histórias de encanto transformação animais vegetais que estão envolvidos na prática do nosso povo hunikui da aldeia Belo Monte: cantoria sagrada, pássaros, animais, jiboia, medicina. Portanto, escolhi as histórias para registrar em áudio, desenho, escrita com objetivo de registrar conhecimentos antepassados do povo hunikui que transmitem e traduzem as linguagens de todos os seres, seja yuxibu, vegetais, animais, espírito.

**Palavras-chave:** Nukú miyuí, Nuku yuxibu, Encanto, Sabedoria hunikui.

---

<sup>1</sup>Yube é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Vive na aldeia Belo Monte, Terra Indígena Katukina/Kaxinawá, município de Feijó, AC, baixo rio Envira. cledeilton.kaxinawa@sou.ufac.br



## **A TERRA FALA: UM MERGULHO NA DIVERSIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS POR MEIO DE EXPERIMENTOS SOCIAIS**

Cleiton Maneiro da Silva Nukini <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este artigo é um resultado de uma pesquisa intitulada “A terra fala convida a sociedade para refletir sobre as guerras travadas ao longo da história”, realizada na Terra Indígena Nukini, aldeia República, município de Mâncio Lima, Acre. Teve o objetivo de refletir sobre a fala da terra, inserindo conhecimentos e aprendizados que tenho adquirido sobre os saberes ancestrais do nosso povo Nukini. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que adotou como procedimento técnico a revisão de leitura descritiva e um estudo de campo. Como técnica de coletas de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada. Para análise dos dados, fez-se o uso do método descritivo com uma professora, um anciã da aldeia República. Para fundamentar a referida investigação, tomamos com base o seguintes autor: Almeida (2015) e Mattos (2016), dentre outros textos que nos auxiliaram a aprofundar o tema em discussão. Como resultado desse trabalho, destacamos que os participantes compreendem sobre a fala da terra embarcar nessa caminhada de aprendizados e conhecimentos e praticando os ensinamentos dos nossos anciões ancestrais. Apesar dos desafios precisamos entender, que a terra é um ser que tem vida e não só uma vida como nós seres humanos e todas as espécies que habitam no universo, a terra é um ser, que habita várias vidas sobre sua superfície. Por ser esse espírito tão sábio, com o corpo de tamanha imensidão, que cria e ensina seus filhos, com diferentes formas de conversas, sinais e até mesmo com suas escritas tão sábias, quanto os mestres sábios da filosofia. Então, diante dessas palavras, posso afirmar que a mãe Terra, a mãe Floresta e seus seres encantados falam e entoam seus ensinamentos aos seus filhos ecoando suas vozes e elevando seus ensinamentos de geração após geração.

**Palavras-chave:** História. Conhecimento. Aprendizados. Entrevista Semiestruturada.

---

<sup>1</sup> Cleiton Maneiro da Silva Nukini é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta.  
Email: uhnepanukini@gmail.com



## MATERIAL DE APOIO AO ENSINO DE LINGUAGENS E ARTES NUKINI

Clemisson Bezerra Gomes da Silva/ XIA <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é apresentar um material de apoio ao ensino de Linguagens e Artes praticado por professores indígenas nas escolas de suas respectivas aldeias no estado do Acre. O material busca descrever a cultura dos saberes Nukini, apresentando não só técnica da produção dos sagrados do povo Nukini e sua decoração com grafismos, mas também os rituais presentes em todo o processo. A metodologia desta pesquisa envolveu entrevistas com os professores, pajés e curandeiros e a observação destes durante os rituais. Além disso, foram colhidos depoimentos de um ancião sobre como começou a cultura do (Uni) na terra indígena Nukini, e de dois educadores da escola indígena a respeito da importância dos sagrados e medicina para o povo Nukini. As informações foram coletadas por meio do registro de fotos e gravações de áudio e vídeo. Ressalta-se a importância deste trabalho para a preservação da cultura Nukini para as futuras gerações. Este material pode ser usado em qualquer série do ensino fundamental, cabendo ao professor adequar sua linguagem, forma de abordagem e profundidade dedicada aos temas aqui contidos. Cientes da existência de diversas formas de conhecimentos, saberes e visões de mundo, procuramos apresentar aqui temas e conceitos científicos cotidianos por meio de uma narrativa simples, respeitando a linguagem científica, sem banalizá-la. Nosso intuito é colocar em contato e estimular o diálogo entre saberes de universos distintos sobre temas e conceitos do dia a dia nas escolas indígenas. Ressaltamos a importância, os limites e o equilíbrio entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais que, em nossa visão, podem e devem coexistir em harmonia. Esta obra foi construída a partir das pesquisas e organização de pequenos projetos de realizados durante o processo de formação dos alunos indígenas da Ufac. Esperamos que este produto chegue até as aldeias, que sirva como material de apoio útil e que auxilie o processo de ensino praticado no universo indígena.

**Palavras-chave:** Povo Nukini, Pesquisa indígena, Xamanismo Nukini, Práticas de conhecimento Nukini.

---

<sup>1</sup> Xia é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## BATISMO DO JENIPAPO EM CRIANÇAS HUNIKUI

Cleonice Sales/Bimi Banu Bake <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na aldeia Xinã Bena, Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, em julho de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre o conhecimento tradicional do meu povo Hunikui que traduz a linguagem dos animais e vegetais através do banho do jenipapo. Desenvolvi essa pesquisa entrevistando a anciã da aldeia Nova Olinda, Tamani Banu Bake, de 85 anos de idade, especialista que tem o conhecimento sobre o banho de batismo com jenipapo, que recebemos e por meio do qual podemos comunicar com os espíritos do mundo animal e vegetal. O nosso povo Hunikui conhece e traduz a linguagem dos animais e vegetais através do banho e grafismo da pintura, porque nessa técnica de banho recebe a proteção dos animais vegetais dentro da tinta de jenipapo. Ela tem o rezo sagrado que está ligado no mundo dos animais vegetais com banho no corpo e grafismo que fazemos. Para a realização da pesquisa, fizemos um preparo junto com os anciões da comunidade, tirando a fruta para transformar em uma tinta que utilizamos dentro do corpo da criança. Quando recebe o batismo pela primeira vez, assim ela explicou, que a comunicação acontece quando utilizamos a tinta e nela sentimos a presença das energias que trazem a conexão. Então a conexão da tinta do jenipapo entra em nosso corpo e assim passamos a traduzir a linguagem dos animais e vegetais. Essa prática que nós fazemos é para desenvolver no crescimento das crianças para que ela cresça com a vida saudável sem nenhuma doença dentro do corpo, porque assim através do banho do batismo o corpo fica amargo e recebe a energia bem forte para que fique com a pele e o corpo iguais dos animais e vegetais. Ela então recebe a proteção para o corpo como: Anta, jiboia, macacos, jacaré entre outros, que chamamos dentro da música para conectar a força da natureza. Quando chamamos animais e vegetais, sentimos a conexão com os espíritos que ali estão presentes dentro do batismo das crianças. Escolhi esse conhecimento para mostrar na prática através do audiovisual e fotos com objetivo de deixar esse conhecimento rico que tem do povo Hunikui registrado para as futuras gerações que possam ter o conhecimento que temos hoje em dia: a técnica de como fazer um batismo dentro do corpo da criança

**Palavras-chave:** Povo Hunikui, Batismo do Jenipapo Hunikui, Ritual Hunikui, Pintura corporal, Medicina.

---

<sup>1</sup> Bimi é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## A PRÁTICA DO CAÇADOR SHANENAWA

Cleude Gomes de Araujo Shanenawa <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Esta apresentação trata do tema música tradicional e a prática do caçador. Vamos entender a comunicação na relação com os animais, vegetais, espíritos etc.. Por exemplo, a música se comunica com os espírito dos legumes, das plantas medicinais, a música chama a força dos legumes, a cura das doenças. Podemos observar isso nos movimentos do corpo, nas pinturas, nas dietas e nas danças. A música tem esse poder de se comunicar com os espíritos desses elementos. Antes de o pajé tirar as ervas, ele fala com elas, pedindo que o espírito da medicina cure determinada doença. E quando um agricultor vai fazer o plantio do seu roçado, ele canta uma música chamando o espírito dos legumes. Para que os legumes venham a crescer e deem uma produção de qualidade, para ele ter uma boa colheita. E o caçador tradicional faz o seu rapé, faz a sua defumação, passa a sua sananga para atrair as caças. O caçador tradicional sabe quando está panema através dos rastros dos animais, dos cantos dos animais. Ele consegue interpretar essa linguagem quando ele está panema ou quando ele está marupiara. Quando o caçador está panema, os animais ouvem de longe ele andando e correm. Ele atira nos animais de perto, mas não mata. Muitas vezes passa o dia na mata e não consegue ver uma caça. Quando o caçador está marupiara, ele mata as caças mais rápido, muitas vezes, assim que ele entra na mata. E também os animais vêm ao seu encontro. Os animais ficam manso, o que facilita mais para o caçado. Esses são alguns exemplos de linguagem relacionados aos temas música e prática do caçador.

**Palavras-chave:** Povo Shanenawa, Caçada, Música Shanenawa, Medicina Shanenawa.

---

<sup>1</sup> Cleude é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## MÚSICA APOLIMA ARARA

Mukani (Darlene Souza Oliveira)<sup>1</sup> Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O resumo traz uma pequena abordagem sobre a atividade de pesquisa que foi realizada na aldeia nordestina no rio Amônia. Em janeiro de 2024, a pesquisa que realizei foi sobre música do meu povo Apolima Arara que traduz a linguagem dos animais e vegetais e a cantoria de mariri de TITEMÃY, PINIKLAJA, WARUNKAY, YAMAE. A realização da pesquisa foi desenvolvida com seu Eduardo Macedo, de 65 anos da aldeia Novo destino Terra Indígena Apolima Arara do Rio Amônia. Essa música reflete a dança indígena como fala da terra escrita no corpo exemplificada em práticas como mitos, lendas, celebrações da colheita, eventos importantes, identidade cultural, espiritual que incorporam dança, movimento, gesto e que são representadas em pintura corporais e adereços especiais. Nos rituais, o momento de cantoria que aborda o processo de interação com os animais e vegetais do meu povo Apolima Arara. Os animais e vegetais que compõem a estrutura da música são: Arara, Jiboia, Jenipapo entre outros. Escolhi esse tema para ter mais conhecimento da música do meu povo e aprender cada dia mais porque a música expressa vários conhecimentos.

**Palavras-chave:** Apolima Arara, Musicalidades, Dança.

---

<sup>1</sup> Mukani é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. darlenemt2021@gmail.com



## KATXA NAWA COMO PRÁTICA CULTURAL E PERFORMATIVA HUNI KUI

Dasu Inu Bake Huni Kuĩ<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Após o contato com os brancos, os Huni Kuĩ deixaram seu próprio modo de vida na aldeia e foram impelidos a trabalhar na extração da borracha, com isso, as práticas culturais na comunidade não puderam mais ser feitas, e ainda foram diabolizadas pelos patrões. O objetivo desta pesquisa é relatar o processo de reconstrução da identidade por meio das práticas performáticas no referido Território. Esse trabalho foi feito a partir de uma abordagem qualitativa e configura-se em uma pesquisa etnográfica, que se desenvolve do estudo de caso com observação e participação ativa no campo de pesquisa. Nessa investigação pudemos verificar como os Huni Kuĩ do território Huni Kuĩ de Nova Olinda reestabeleceram a sua identidade por meio do contato com os próprios parentes de outras regiões, e, como o Katxa Nawa contribuiu para fortalecer suas práticas culturais desde as danças tradicionais, pinturas corporais, narrativas orais, entre outros conhecimentos.

**Palavras-chave:** Práticas Culturais Huni Kuĩ; Artes Indígenas do povo Huni Kuĩ; Katxa Nawa.

---

<sup>1</sup> Dasu é mestrando no PPGLI - UFAC. E-mail: shenipabu@gmail.com



## DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE HUNI KUIN NA UFAC

Denarte Nonato Nascimento kaxinawá<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este trabalho apresenta o relato de experiência de um estudante indígena do povo Huni Kuin, cursando Engenharia Florestal na Universidade Federal do Acre (Ufac). Como muitos estudantes indígenas do Acre, ele deixa sua comunidade em busca de formação acadêmica em instituições federais, sonhando em concluir seus estudos e seguir uma carreira profissional. No entanto, os desafios encontrados para a permanência são constantes, devido à falta de recursos essenciais, como moradia, alimentação e transporte, o que frequentemente leva muitos estudantes indígenas a desistirem de seus cursos. Nesse contexto, destacam-se as ações da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Proaes) e a parceria com o Diretório Central dos Estudantes (DCE Ufac) e o Coletivo de Estudantes Indígenas do Acre (CEI Ufac). Juntas, essas organizações têm se empenhado na identificação dos estudantes indígenas que recebem ou não bolsas e auxílios, além de lutar pela ampliação desses recursos. O relato evidencia a importância dessas iniciativas para a minimização das dificuldades e a garantia de permanência dos estudantes indígenas nas universidades.

**Palavras-chave:** permanência estudantil; estudantes indígenas; apoio institucional; Huni Kuin; Ufac.

---

<sup>1</sup> Denarte Nonato Nascimento kaxinawá é estudante de Engenharia Florestal na Universidade Federal do Acre - UFAC, campus sede. É indígena Huni kuin da aldeia Minas Gerais localizada em Santa Rosa do Purus, - AC.



## O RAPÉ DO POVO NOKE KOÎ

Dene Rosa de Souza Katukina<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que realizada na Aldeia Kamãnawa, na Terra Indígena Campinas/Katukina, margens da BR:364, localizado Município de Cruzeiro do Sul-AC, 60 km, em julho 2024. A pesquisa que realizamos foi sobre conhecimento tradicional do povo NOKE KOÎ, que traduz a linguagem dos animais e vegetais através do rapé sagrada do (ROME POTO). Desenvolvemos esta pesquisa, entrevistando o Senhor José Francisco (Rãta), ancião, de 78 anos, um grande especialista pela medicina sagrada RAPÉ (ROME POTO), por meio da qual nos comunicamos com o mundo animal e vegetal. Também traduzimos a linguagem dos animais e vegetais através do grafismo, porque nessa técnica de tradução da linguagem oral é que se configura a medicina sagrada. Esse rapé sagrada fala do grafismo dos animais e vegetais. Para a realização da pesquisa fizemos junto ao especialista a retirada da erva e a preparação do rapé, que em seguida foi utilizada como técnica da medicina. Após o uso das técnicas, o especialista explicou então que a comunicação acontece quando a gente prepara o RAPÉ. Sentimos então a conexão com a medicina dentro do nosso corpo e passamos a nos comunicar com animais e vegetais através da medicina (RAPÉ). E assim passamos a traduzir a linguagem dos animais e vegetais através dos nossos Cantoria sagrada próprio. Essa prática que nós fazemos é para desenvolver habilidade de fazer o nosso artesanato com os grafismos dos animais e vegetais. Os animais e vegetais que se envolvem nessa prática do meu povo Noke koî, que é a medicina sagrada rapé tem as próprias misturas deles: como cinzas de vashawa, cinza de samaúma, cinza de mulateiro, são outra medicina mistura de rapé para povo Noke koî. Escolhi esse conhecimento para mostrar na prática através do audiovisual com o objetivo de deixar esse conhecimento registrado, o conhecimento do povo Noke koî que traduz a linguagem do animal e vegetal.

**Palavras-chave:** NOKE KOÎ, Medicina, Rapé, Vegetais, Animais.

---

<sup>1</sup> Dene Rosa de Souza Katukina é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. shenipabu@gmail.com



## KATXANAWA: A DANÇA DO KATXA HUNI KUI

Txima Inani Bake/Djane Nunes Barbosa Kaxinawá <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** A minha apresentação no III Seminário dos Acadêmicos Indígenas do Acre se baseia na pesquisa que realizei na aldeia Boa União, baixo Rio Envira, Feijó, AC, na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, em setembro de 2024. A minha pesquisa que realizei foi sobre a dança do katxanawa do meu povo hunikui, que traduz a linguagem dos animais e vegetais através da dança sagrada do katxa. Desenvolvi esta pesquisa entrevistando a mestra em dança, Yamayny, de 48 anos, que também é especialista na medicina sagrada extraída da floresta por meio da qual nós comunicamos com mundo animal e vegetais. Também traduzimos a linguagem dos animais e vegetais por meio da cantoria sagrada que está ligada com o grafismo. Essa cantoria sagrada, Tiri ika, está ligada com o grafismo dos animais e vegetais. Para a realização da pesquisa, fizemos junto à entrevistada um registro em audiovisual em que ela falou um pouco o que acontece quando nós preparamos para fazer uma apresentação da dança do katxa junto com as jovens, as crianças e toda a comunidade. A especialista explicou então que a comunicação acontece quando estamos montando uma apresentação em roda, círculo de mão no ombro. Sentimos então a conexão com o canto da música do katxa. Essa prática que nós fazemos para desenvolver habilidades na prática de conhecimento ritual do meu povo, na dança sagrada. escolhi esse conhecimento para mostrar na prática através de audiovisual com o objetivo de deixar esse conhecimento registrado, o conhecimento do povo hunikui que traduz a linguagem animais e vegetais.

**Palavras-chave:** Povo Hunikui, Dança, Katxa nawa, Linguagens de Animais Vegetais, Rituais.

---

<sup>1</sup> Djane Nunes Barbosa Kaxinawá, atualmente mora na aldeia Boa União, Terra indígena Katukina/Kaxinawa, município de Feijó, AC. Sou graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: djane.kaxinawa@sou.ufac.br



## NEGOCIAÇÕES ENTRE PESSOAS INDÍGENAS E PESSOAS NÃO INDÍGENAS: OS SHANENAWA, POVO DO PÁSSARO AZUL

Edilene Machado Barbosa<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente artigo visa a discutir aspectos históricos do povo Shanenawa da aldeia Morada Nova – Feijó/AC, quando saíram da cabeceira do rio Gregório até a chegada ao seringal Liége, em frente a cidade de Feijó. A proposta é mostrar resultados de uma investigação referente a como o cacique nncio Brandoo, junto com deesseis pessoas se deslocaram por vcrios seringais, trabalhando para os patrões com retirada de madeira, borracha e cauchos. Para a conquista e demarcação da terra ndígena Katukina/Kaxinawc da aldeia Morada Nova, nncio trabalhou com o dono do seringal que lhe deu um espaço de terra para morar. Esse período é marcado por constantes questões políticas que estavam ocorrendo no estado do Acre que se relaciona a um período de demarcações de terras indígenas advindas de processos de negociações (Bhabha, 2018) entre pessoas indígenas, pessoas noo indígenas e membros dos governos estadual e federal.

**Palavras-chave:** Histórias dos Shanenawa; Território; Aldeia Morada Nova.

---

<sup>1</sup> Edilene Machado Barbosa é doutoranda no PPGLI – Programa de Pós-graduação em Linguagens e Identidades da Ufac. edilene.barbosa@sou.ufac.br



## HAI IKA

Makari Inu Bake<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** A pesquisa foi realizada na comunidade Nova Família, Terra Indígena Alto Rio Purus, em agosto de 2024. A pesquisa que eu realizei foi sobre hai ika como tradução na fala dos animais. O povo Huni Kuî tem seu costume de fazer hai ika todo final de semana. Esse hai ika significa caçada coletiva. As mulheres falam para os homens: *yameri kunu ea benashû tãwê*. Quando está pedindo Kunu, que é orelha de pau, ela está pedindo jabuti. Os homens respondem: *hai txu hai txu*. Música de chamar a caça: *beakirã beakirã, yawa rani beakirã isu rani beakirã*. Música de chamar peixe. Então tudo isso são os nossos rituais, os próprios costumes dos povos Huni Kuî do Purus. No processo desse ritual, são as mulheres que tomam a iniciativa de mandar os homens caçarem para elas, ao pedirem a seus cunhados que tragam animais para elas. O costume dos povos Huni Kuî do Alto Rio Purus é hai ika e katxa nawa. Hai ika tem duração de somente um dia de festividade. A linguagem dos animais e vegetais é traduzida através da cantoria, música, caça e pesca. Desenvolver esta pesquisa pra não perder os nossos costumes tradicionais, nós temos que praticar em nosso cotidiano. Eu entrevistei meu pai, Shane, de 70 anos de idade, e a minha madrasta, Maspã, de 65 anos de idade. Como ele e ela tem conhecimento de hai ika, das partes dos homens e das partes das mulheres, para a realização da pesquisa, a gente fez uma prática de amostrar a nossa realidade de vivência da aldeia junto com a comunidade, grupo dos homens e grupo das mulheres. Então, tudo isso a gente está preparando para realizar os nossos costumes tradicionais sobre ritual de hai ika. Hai ika, o povo antigamente fazia de trabalhar durante uma semana sem pescar, sem caçar. Depois dessas folgas para eles comer algo alimentos nas aldeias combinavam todos os membros da comunidade para realizar hai ika, caçada coletiva, quando o cacique, junto com o pajé, manda obedecer a mulher e o homem responde o pedido da mulher. O homem tem que dar o que foi pedido pela mulher, se foi caça, se foi peixe. Então, esse pedido da mulher, o homem tem que cumprir. Se ela pediu jabuti, anta, porquinho, veado, jacaré ou outros animais, então você tem que cumprir o pedido da mulher. A mesma coisa as mulheres. As mulheres têm que cumprir também, fazer caçuma de banana, macaxeira cozida, pamonha de amendoim e outras comidas típicas. Depois ainda para finalizar chama todos os membros para comerem juntos, o grupo dos homens e o grupo das mulheres. E no início de semana, antigamente, começavam a trabalhar coletivamente em seus roçados e plantavam.

**Palavras-chave:** Huni Kuî, Pesquisa Huni Kuî Hai Ika, Rituais Huni Kuî.

---

<sup>1</sup> Makari é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Tem 37 anos e vive com sua família na aldeia Nova Família, Terra Indígena Alto Rio Purus. E-mail: shenipabu@gmail.com



## MEDICINA TRADICIONAL HUNI KUI

Elizael Barbosa Silva Kaxinawa<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Eu, Elizael Barbosa Silva Kaxinawa, Txana Yube Huni Kui Inu Bake, tenho 35 anos e sou professor pesquisador. Moro na aldeia Boa Vista, na Terra Indígena Kaxinawa de Nova Olinda, no alto rio Envira, no município de Feijó, Acre. Meu tema é a medicina tradicional nativa da floresta. A minha pesquisa é medicina. A importância do tema é que traz uma visão geral de conhecimento do povo Hunikui. Essa pesquisa é de grande importância, porque vai trazer um bom ensinamento tanto para mim, quanto para minha aldeia. A minha pesquisa é realizada na aldeia juntamente com o meu ancião, buscando um bom conhecimento de aprendizado, para mostrar que na aldeia tem universidades também no conhecimento tradicional. A minha pesquisa é realizada na escrita, no desenho e na entrevista. Também na prática, junto com os pajé e os conhecedores de medicina. A contribuição da minha pesquisa na minha área que eu estou é uma boa tradução de comunicação com os mundos de animais e vegetais. Construir um bom ensinamento de referência nas pesquisas do povo Hunikui. E em outros mais. A minha pesquisa é feita com os pajés e suas esposas, porque ele tem um bom conhecimento tanto na medicina, como espiritual, em reza e cantoria. Por isso que eu estou pesquisando ele junto com o meu aluno na escola, estudando na prática e na oralidade. A minha pesquisa está sendo na escrita, no desenho, em foto e em vídeo. Medicina tradicional nativo sagrado, cura sagrada, reza sagrada e cantoria sagrada. Pra mim esta pesquisa que eu escolhi foi de muita importância pra mim fortalecer junto com a minha comunidade ensinando o nosso filho na escola por que hoje o nosso ancião estão se acabando. Por isso que eu escolhi esta pesquisa, pra mim aprender e fortalecer na minha aldeia. Essa pesquisa é de grande importância que vem ligado com a fala da terra. A terra fala com as medicina fala com os animais e os vegetais. Eles são ligados com as fala da terra e ligados com o nosso corpo, com o corpo das medicina e dos animais, fortalecendo o nosso espírito, fazendo cura e mostrando os nossos conhecimentos espirituais com as fala da terra e as medicina e os animais. São sagrados por nós e pela mãe natureza, pelo nosso pai Deus. Tudo isso é ligados com nós.

**Palavras-chave:** Povo Hunikui, Medicina Hunikui, Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Kupi é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## A LITERATURA E TRADUÇÕES: PINTURAS E TINTAS NATURAIS DA FLORESTA

Francisco Kupi Inu Bake<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este trabalho versa sobre a tinta natural da floresta, jenipapo, pintura que representa através do grafismo. Fiz a pesquisa junto com os conhecedores da Terra Indígena Kaxinawá Igarapé do Caucho, da Aldeia 18 praias, sobre a tinta natural da floresta, jenipapo e urucum, com que fazemos pinturas corporais. A pintura é a prática de conhecimento dos povos indígenas que tem relação com animais e vegetais da natureza. São eles: jiboia, onça, tambuatá, curica, jacaré. Os vegetais são espinho de esperai, jenipapo, urucum. São os vegetais que fazem parte das pinturas com que realizamos o grafismo no corpo. Bawe é a medicina que coloca nos olhos para aprender a fazer o grafismo e praticar outros conhecimentos. Para fazer a pintura na pele, é feito de acordo com suas origens: inu bake, inani, dua, banu. O grafismo huni kui é mais usado nos rituais como no Katxanawá, Munu, Nixi pae, Hô, hô, ika, Nixpu pima, Festivais, e no uso cotidiano das famílias da aldeia. Os Conhecimentos sobre jenipapo, urucum, são preparo natural da floresta que nós, povo Huni Kui, usamos em nossos rituais, eventos culturais, brincadeiras, trabalho, reunião e outros movimento da aldeia, praticamos, para manter nossa tradição fazendo uso das tintas da floresta. Servem de proteção das coisas ruim que afeta nas pessoas, quando usamos estamos protegidos das coisas más. A tinta e o grafismo, quando fazemos o grafismo na pele da pessoa é que traduz a linguagem dos animais e vegetais. Os desenhos são feitos e trabalhados também na miçanga, linha de crochê, madeira, tecelagens, tecido de pano, vaso de barro e outros materiais. Todas as pinturas são de acordo com sua origem que são feitos os grafismos. Este é o conhecimento da linguagem dos animais e vegetais através da pintura que são símbolos de nossa tradição cultural. Quando é feito as pinturas recebemos os conhecimento e proteção através do kene.

**Palavras-chave:** tintas naturais, kene, grafismo, pintura corporal.

---

<sup>1</sup> Francisco Kupi Inu Bake é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. brandao.francisco@sou.ufac.br



### MIMÃ XARABU: ARTESENATO HUNIKUI

Busê Inu Bake Huni Kui  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na Aldeia Nova Olinda, Alto Rio Envira, Terra Indígena nova Olinda, em agosto de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre conhecimento tradicional do meu povo HUNI KUÍ, que traduz a importância e o significado de cada artesanato produzido (MIMÃ XARABU). Desenvolvi esta pesquisa, entrevistando a minha tia, a anciã Txira Inani Bake, de 50 anos, especialista em artesanato de várias modalidades, como miçanga, barbante, algodão, cerâmica, sementes naturais de frutas e folhas de palmeiras. Cada arte produzida possui um significado diferente e isto vem dos nossos antepassados. passando de geração a geração. As artes representam as pinturas do animais e vegetais, como por exemplo a pintura da jibóia (yubê), olho de curica (txere beru), espinho de esperai (me musha), lombo do jacaré (kape hina), entre outros. Essas pinturas são desenvolvidas no cordão de miçanga (mane teuti), pulseira (mane mebi), tiaras (manemeiti), blusas (puste tari), chapéus de pena (maiti), dentre outros. Para a realização da pesquisa fiz uma entrevista relatando como ela adquiriu esses conhecimentos práticos sobre os nossos artesanatos. Ela teve aulas como a sua mestra, sua mãe, que trabalhava na tecelagem de algodão e sementes, exclusivos para uso em festas culturais. Estes trabalhos eram um tipo de símbolo de nosso povo Huni Kui. Enquanto crescia ela foi praticando e tendo alguns intercâmbios culturais por meio de exposições de artes em outras regiões, obtendo o domínio das artes dentro da comunidade e fora do nosso território. É muito importante saber que temos pessoas fortalecendo as nossas tradição com as artes. As mulheres são pioneiras nesta área explicou, a anciã. A especialista também explicou que hoje em dia os artesanatos Huni Kui estão sendo valorizados por todo o mundo, dentro e fora da aldeia, devido a expansão e consumo por várias pessoas não indígenas que estão querendo explorar a nossa cultura viva. Essa pesquisa mostra quão valiosas são nossas artes, produzidas e preservadas pelas mulheres Huni Kui.

**Palavras-chave:** Huni Kuí, Pesquisa Huni Kuí, , Conhecimento, Artesenato.



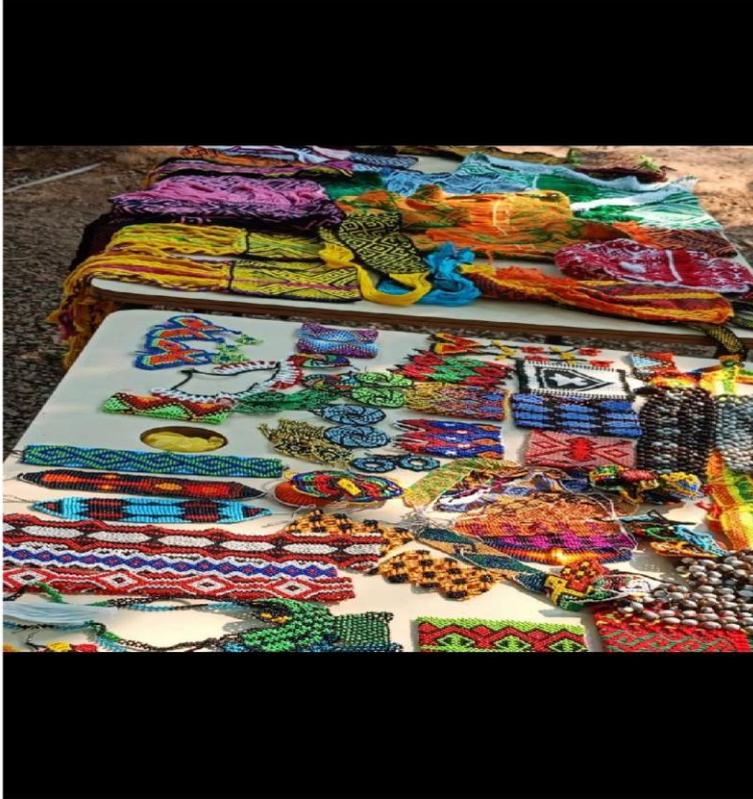
**III**

**Seminário dos  
Acadêmicos  
Indígenas do Acre**

**A Arte como Expressão de Cultura e  
Conhecimento dos Povos Originários**

21 e 22  
NOVEMBRO de 2024

**CAMPUS FLORESTA  
CRUZEIRO DO SUL**





## KATXA NAWA: A FESTA DO ALIMENTO DO POVO HUNI KUÏ DE FEIJÓ

Mashâ inu Bake<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

### Resumo:

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada na Aldeia Boa União, no baixo Rio Envira, Terra Indígena katukina/kaxinawa, localizada no município de Feijó. A pesquisa realizada foi sobre conhecimento tradicional do povo Huni Kuï, que traduz a linguagem dos legumes e animais através da cantoria sagrada do Katxa Nawa, onde cada música envolve o nome dos legumes e o nome dos animais. O caminho metodológico da pesquisa foi baseado em entrevistas e vivências de campo, visando buscar o conhecimento dos mais velhos da comunidade, como meu pai, o ancião Huni Kui Siã Inu Bake, de 76 anos, especialista no canto sagrado do Katxa Nawa. No decorrer das entrevistas foi explicitado que a festa do povo Huni Kui Katxa Nawa acontece em épocas de verão, próximo ao período de plantio do roçado. A população que habita a aldeia, a partir de uma reunião com todos os membros, se organiza e prepara a festa. Assim realizam-se as festividades, que por meio dos rituais e da música, chamam o espírito da força dos legumes como a banana (mani), macaxeira (atsa), Mamão (barã), amendoim (tama), milho (sheki), batata doce (kari), yame (pua), entre outros. O objetivo dos cânticos, e da festa como um todo, é que os legumes do roçado cresçam com qualidade para alimentar o povo no decorrer de todo o ano. Soma-se aos objetivos da festa chamar os animais como o porco (awa), paca(anu), veado(txashu), cutia(mari) entre outros, para mais próximo da aldeia, para que assim a população tenha sempre uma boa alimentação, saúde para o trabalho e uma vida saudável. Durante as festividades manifestam-se ainda outros saberes tradicionais da comunidade, como, por exemplo, quando você está na roda da festa do Katxa Nawa, você não pode cair. Quem se desequilibrar ou tropeçar e cair pode ficar muito doente, até mesmo ir a óbito, portanto tem-se muito cuidado durante a festividade. Os ensinamentos retratados no presente trabalho registram a realidade vivida pelo povo Huni Kuï, eles foram preservados pelos mais velhos, passados oralmente de geração para geração, sobrevivendo até os dias atuais. A população Huni Kuï valoriza as festividades como maneira de preservar a cultura. Para a realização dessa pesquisa, participei do festival do Katxa, na aldeia Boa União, em Feijó, entre os dias dois e quatro de agosto de 2024, junto aos anciãos, demais população da aldeia e também indígenas vindos de outras terras indígenas. A presença de outras etnias na festa promove intercâmbio cultural da ajudando a fortalecer sempre a alimentação nas comunidades e territórios indígenas. A festa representa um resgate e valorização do saber dos mais velhos, para que no futuro os jovens possam dar continuidades as festividades dentro e fora dos territórios indígenas. A festa mostra a importância que a vivência possui para concretização e perpetuação da ciência Huni

---

<sup>1</sup> Mashã é graduando de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Ufac, núcleo Feijó.



# III

Seminário dos  
Acadêmicos  
Indígenas do Acre

A Arte como Expressão de Cultura e  
Conhecimento dos Povos Originários

21 e 22  
NOVEMBRO de 2024

CAMPUS FLORESTA  
CRUZEIRO DO SUL



Kuí. Abaixo seguem algumas imagens da festa realizada em 2024, que visam apresentar a festividade e registrar sua importância cultural para o povo indígena do qual faço parte.



**Palavras-chave:** Povo Indígena Huni Kuĩ, Festividade Do Katxa Nawa, Cultura Indígena, Festa Do Alimento.



Dua Busã Huni Kui, Rua Bake <sup>1</sup>  
Maria Rosimeire da Silva Matos (TXIRA)<sup>2</sup>  
José Eliézio Martins da Silva (IKA MATSI TUI) <sup>3</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na aldeia Nova Olinda/Mae Ixtinãti, alto Rio Envira/Hene Bariã, Terra Indígena Kaxinawá Nova Olinda, em Abril de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre conhecimento tradicional do meu povo HUNI KUÏ, que traduz a linguagem dos animais e vegetais através da cantoria sagrada do NIXI PAE (HUNI MEKA). Desenvolvi esta pesquisa, entrevistando a minha mãe, TXIRA BANU BAKE, de 43 anos e o meu tio IKA MATSI TUI RUA BAKE de 60 anos, ambos são TXANAS (Músicos) e NEI BEYA (Pajés) que tem grandes conhecimentos herdado de seu pai NILO TXUÃ, NEI BEI (Pajé) dos cantos sagrados do NIXI PAE (HUNI MEKA), por meio da qual nos comunicamos com mundo animal e vegetais. A técnica de cantar os HUNI MEKA na força da bebida NIXI PAE, foi o que aprofundei para traduzir a linguagem de comunicação com os animais e vegetais, essa técnica vai muito além da comunicação é onde espiritualmente vamos ao encontro com mundo dos animais e vegetais. As cantorias sagradas fala do dos corpos, movimentos, moradas, cantos, cores e grafismo dos animais e vegetais. Para a realização da pesquisa fiz uma jornada de barco subindo o Rio Envira durante três dias ao encontro dos entrevistados, onde vivi e presenciei durante a pesquisa momentos lindos e sagrados nos ambientes da pesquisa, estando como aluno pesquisador e aprendiz das cantorias sagradas, bebemos o NIXI PAE e cantamos as cantorias do HUNI MEKA para ver e comunicar com os animais e vegetais. Os TXANAS E NEI BEYA explicaram então que a comunicação acontece quando temos que chamar, pedir ajuda, pedir permissão, curar e ter a proteção dos animais e vegetais, as cantorias e uma das técnicas de linguagem que faz a comunicação, os HUNI MEKA tem suas classificação que é a forma de saber cantar na hora e momento certo, seguindo uma sequência na condução de uma cerimônia são cantados: PAE TXANIMA, PAE YUÃ, HAWÉ RAU TIBUYA, KAYATIBU e PAKARI. E assim realizamos e tivemos resultados da tradução das linguagem de comunicação dos animais e vegetais. Os animais e vegetais que são envolvidos dentro das cantorias sagradas HUNI MEKA, são eles os mais YUXIÃ (Espiritual), KUXIPABU (Fortes), KENEYA (Coloridos) e REWEYA (Cantadores), como a Jiboia (YUBE), Plantas medicinais (RAU XARABU), Sumaúma (SHUNUÃ). Escolhi esse conhecimento para mostrar na prática através do audiovisual com o objetivo de deixar esse conhecimento registrado, o conhecimento do povo Huni Kuin que traduz a linguagem do animal e vegetal.

**Palavras-chave:** Huni Kuï, Pesquisa Huni Meka, Nixi Pae, Nei Bei, Comunicação.

---

<sup>1</sup> Dua Busã é graduanda em Licenciatura Indígena pela UFAC, Campus Floresta. Duabusa97@gmail.com

<sup>2</sup> TXIRA BANU BAKE é professora e graduada em Pedagogia pela UFAC, Centro-Feijó. Contato: (68)99223-9456



## TERRITORIALIDADES HUNI KUIN NA CIDADE DE SANTA ROSA DO PURUS

Hulicio Moises Kaxinawá/Isaká <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Esta pesquisa tem o foco sobre os grupos huni kuin que moram no município de Santa Rosa do Purus, no Acre. O objetivo desta pesquisa é apresentar a cidade, tal como é ocupada e vivida pelos Huni Kuin. Esta pesquisa está descrita num texto e foi também colocada num mapa, mostrando bairros, ruas, casas, áreas de trabalho e os locais frequentados pelos Huni Kuin, meu povo. Fiz um levantamento das famílias, um censo do número de pessoas e grupos familiares huni kuin e dos estudantes matriculados nas escolas. O estudo mostra também a participação na política e na gestão municipais, e a importância dada à educação escolar, e conclui que estes são os principais motivos para a vinda dos Huni Kuin para viver na cidade de Santa Rosa. Mostra ainda como as famílias vivem na cidade, como é sua sobrevivência: as áreas de roçados, caçadas e pescarias, e ainda a situação do acesso à terra para plantar, e a relação com os comerciantes-patrões da cidade. E mostra também as práticas da arte huni kuin e da cultura tradicional, que os Huni Kuin mantêm vivas mesmo na cidade. Mostrando através da cartografia e no texto descrito. A pesquisa começou lá em curso de graduação e hoje continuidade no curso de mestrado na PPGLI na Universidade Federal do Acre - UFAC.

**Palavras-chave:** Cidade, Huni Kuin, Conquistas.

---

<sup>1</sup> Isaká é mestrando no PPGLI - UFAC. E-mail: hulicio1984@gmail.com



## PLANTANDO CONHECIMENTO

Iara Juliana Silva de Almeida<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este trabalho versa sobre o Projeto Plantando Conhecimento, realizado no Jordão pela Sra. Lidinalva da Silva Pinto Apurinã. O projeto ensinava a comunidade na criação de hortas, o cultivo de plantas medicinais a compostagem, além de ministrar palestras e *workshops* que incentivavam a educação ambiental e alimentar. O objetivo principal do projeto foi conectar a teoria à prática, mostrando como a educação com a terra e as plantas pode ser uma ferramenta poderosa para a educação em diversos âmbitos. Foi criado espaço de leitura, clubes de discussão de livros, oficinas temáticas e atividades educativas na comunidade. A proposta central é incentivar a troca de conhecimento em diferentes áreas do saber, como história, literatura, ciências e Filosofia, envolvendo pessoas de todas as idades. O objetivo final do projeto era formar uma rede sustentável de aprendizagem, onde o conhecimento, cresça e se multiplique, criando impactos sociais duradouros.

**Palavras-chave:** Educação; Criação, Conhecimento, Oficinas

---

<sup>1</sup> Iara é graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal do Acre, Campus Rio Branco. E-mail: iara.juliana@sou.ufac.br



## PLANTAS MEDICINAIS DO POVO NAWA

Inu Nukini <sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na Terra Indígena Nawa, aldeia Novo Recreio, município de Mâncio Lima, Acre, em março de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre os conhecimentos tradicionais do meu povo Nawa, que tem uma conexão com a linguagem dos animais e vegetais através da Medicina. Desenvolvi essa pesquisa entrevistando a senhora Milda Maria Evaristo da Costa, de 60 anos de idade, que é uma anciã especialista da medicina. Nossa medicina são nossas farmácias sagradas. É dela que tiramos para fazer a cura de vários tipos de doença e por meio da qual nos comunicamos com os mundos animal e vegetal. Para realizar a pesquisa, tivemos um diálogo falando sobre o uso de algumas medicações. Em seguida, fomos andar em seu terreiro, onde tinha bastante medicina, e ela passou os conhecimentos de algumas. Ela falou que cada medicina tem seu modo de preparar e de ser consumida e que tinha sua dieta diferenciada. E que as dietas são de grande importância para o nosso povo. Durante o consumo e o preparo da Medicina, está presente os animais e vegetais, pois os vegetais são as folhas e os animais são aqueles que não podemos comer durante a dieta, porque tem alguns que são muito reimosos. Também durante o consumo de algumas medicações pode envolver também alguns animais, como a jiboia, o gavião e o sapo. Assim passamos a traduzir a linguagem dos animais e vegetais através das rezas e bebidas. Essa prática que nós fazemos da dieta, da reza e bebidas é para desenvolver a cura de enfermidade presente no corpo. Os animais-vegetais que envolvem nessas práticas do meu povo na medicina são as folhas do Boldo, Corama e Cura tudo, e os animais são a Paca (Andu) e o Veado Roxo (Xahu na língua indígena). Escolhi esse conhecimento para mostrar através do vídeo com o objetivo de deixar esse conhecimento da Medicina do Povo Nawa que traduz a linguagem dos animais e vegetais.

**Palavras-chave:** Medicina, Dieta, Reza, Bebida, Animais-vegetais.

---

<sup>1</sup> Inu (Clícione da Costa Fernandes Nukini) é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Vive na Terra Indígena Nawa. [clicione.nukini@sou.ufac.br](mailto:clicione.nukini@sou.ufac.br)



## YOASKA, BEBIDA SAGRADA

Jarlene Cruz de Oliveira VARI<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Eu Jarlene, realizei uma entrevista com a senhora Vūtnawa, considerada grande sábia da Medicina Ancestral. Estou aqui para falar um pouco da yoaska a bebida sagrada, Cipó, e também da folha que chamamos Xacróna que tem vários nomes dentro do povo Pano. O conhecimento do Cipó é milenar vêm desde muitos anos. Através desse conhecimento milenar é que os Pajé de antigamente descobriam as doenças e faziam a cura. Eles consagravam a yoaska e quando o povo estava doente eles tomavam e descobriam, pois o cipó yoaska dava o conhecimento pra fazer o rezo pra pode livrar o povo da doença. UNI ele cura doença, traz o conhecimento, faz a abertura de caminho da pessoa, traz a alegria no coração das pessoas também. As pessoas que têm problema de depressão, pessoas que têm problema de saúde, toma a yoaska. Através da amizade que você tem com ela, você pede cura e ela te dá essa cura. A medicina uni é uma medicina muito sagrada e através desse encontro com o uni espírito é que você consegue sua cura. A gente usa não pra brincar, não pra dançar, a gente usa essa bebida sagrada para cura espiritual, algum problema de saúde que você está passando, problema psicológico, então você consagra a medicina chama força, quando a força chega em você, você pede, faz o pedido da cura, e ele te dá cura. O cipó da yoaska é uma erva que dá na mata e também a gente faz o plantio domiciliar. Esse cipó traz miração junto com a rainha. Só o cipó ele não serve, ele trabalha essa parte espiritual, através do cipó que descobre as doenças faz o processo de cura e adquire o conhecimento das coisas que vai acontecer. E tira também todo esse processo de saúde da pessoa, então junta os dois e você consegue chegar ao ponto da yoaska. Vários povos têm um nome diferente de chamar. O comum é a yoaska. A Xacróna é a folha que chamamos Kawa, o cipó chamamos de Uni. Se você usar só o kawa ele não vai dar força espiritual, se você usar só o cipó uni também não vai dar, o casamento é os dois, o cipó e a Xacróna. A Medicina Ancestral Unī hoje ela é o equilíbrio de sistema que estamos passando, é o equilíbrio de se criar liderança é o nosso conhecimento ancestral, para o nosso povo é importante, porque nos motiva cada dia e nos cura, para nos fortalecer a nossa cultura e se conscientizar com grande espírito da floresta estando cada dia unido, por isso que nossa medicina se chama unī, porque nós unifica todos os ancestrais,

---

<sup>1</sup>



todos os seres, para materializar em nós para que nós tenhamos consciência que somos vidas naturais, nós somos esse ser que sobrevivemos em cima dessa terra. Acredito que essa medicina é bom para cada povo. Hoje meu povo Nawa temos força, luta, sobrevivência, através dos nossos anciões sabem do conhecimento desta medicina.

**Palavras-chave:** Povo Nawa, Xamanismo, Ayahuasca, Medicina, Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Vari é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## A VIVÊNCIA DO CAÇADOR HUNI KUI

Jonze Kaxinawá de Matos/Kupi <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O tema da minha pesquisa é a vivência do caçador: como preparar um jovem para ter, para construir família e se tornar um experiente caçador. Esse é o tema da minha pesquisa, pesquisado com jovem Rogério Damásio Kaxinawá, o que foi aprendido com seu pai Clécio Barbosa da Silva Kaxinawá. Foram essas pessoas que participaram. Teve outras pessoas, os mais velhos que não entrevistei mas que me ajudaram para que esse trabalho fosse realizado. Escolhi esse tema de pesquisa para levar da universidade para a comunidade porque é um trabalho que fortalece o povo para poder preparar a sua família. Essa pesquisa também trata das linguagens, ligados dos animais e com vegetais. Também esse é o tema da pesquisa que foi feita. Eu escolhi esse trabalho de pesquisa de Caçador porque minha comunidade desenvolve nele vários temas: medicina, grafismo e música. E essa pesquisa me chamou atenção porque eu vi dentro da minha comunidade que existia, que existe uma preparação de um hunikui Caçador. Então esse foi o tema da minha pesquisa que eu escolhi, porque chamou muito minha atenção, do meu povo para colocar essa palavra, essa proposta para que eles possam saber, para que possa ser ensinado na escola, para que possam os pais ensinarem seus próprios filhos em casa, na teoria e na prática. Fui desenvolvendo essa pesquisa dentro da comunidade e na escola e trago também uma experiência minha também. Quando eu era mais jovem, meu pai sempre me levava para a mata para caçar e ensinava os remédios para defumação, o remédio para usar no olho, o remédio para andar na capanga que levava o seu cartucho. E ali ele foi me ensinando as técnicas de como se tornar um caçador experiente. A linguagem do que é ligado com os animais-vegetais da natureza para nós é assim hoje.

**Palavras-chave:** Povo Hunikui, Caçada, Linguagens de Animais Vegetais, Medicina.

---

<sup>1</sup> Kupi é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL HUNIKUI

Jose Alcemir Paulino da Silva <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Eu sou o acadêmico Alcemir Tuwe da Terra Indígena Alto Rio Purus, município de Santa Rosa do Purus, Acre. Moro na Aldeia Santa Maria, que pertence ao povo Huni Kuin. Vou relatar um pouco da minha pesquisa do Jabuti. Por que ele é um animal que tem uma ciência para o Povo Huni Kuin. O Jabuti ele é encontrado na mata, no baixo cerrada. Têm 3 tipos de espécie de Jabutis: Canasta, Açú e comum. E tem também jabuti de 13 malha, 14 malha e de 15 malha. O 14 são um mistério para os povos indígena. Quando você pega eles, não pode trazer para casa, porque ele serve de segredo pra pessoas que são caçadores. O jabuti come de tudo que tem pela mata. Ele come folha, raízes, fruta, carniça e até mesmo sua fezes. O Jabuti ele pode viver até 80 anos. As mulheres grávidas não podem comer, porque quando comem, elas demoram para fazer o parto. Jovens de 10 a 15 anos não pode comer o fígado, porque fica com a mancha escura no rosto. Crianças de 5 a 10 anos não pode comer o casco assado e nem lamber o casco, porque fica cego. Quando ficar maior de idade, os ovos do jabuti têm uma ciência: se você lamber a casca ou sovinar para alguém, você pega tumor maligno. Só a medicina da mata pode curar essa doença. Antigamente, os jabutis viviam em bando como os queixadas e hoje eles vivem espalhados por causa da onça que acabou com a família deles. Tem jabuti morando na cabeceira do igarapé, na beira do lago, na beira do rio e estão espalhados por todo canto do mundo. Antigamente o jabuti corria mais rápido do que um cachorro. Ficaram com inveja dele. Pegaram o jabuti e cortaram a sua cabeça, colocando pelo contrário a cabeça. Hoje ele é lerdo e anda bem devagar. Quando foge você não encontra mais. Isso foi a história...

**Palavras-chave:** Povo Hunikui, Alimentação Hunikui, Dietas Hunikui, Animais e Vegetais.

---

<sup>1</sup> Alcemir é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## MÚSICAS DO POVO APOLIMA ARARA

José Edson Nascimento Souza <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este trabalho apresenta as músicas do meu povo Apolima Arara do rio Amônia. Tendo em vista que as músicas do povo Apolima Arara são de grande importância na cultura e cotidiano da comunidade, o estudo busca registrar o conhecimento através da linguagem escrita. As músicas tradicionais valorizam e fortalecem a identidade indígena. É por meio das cantorias que vivenciamos momentos importantes como festa de mariri, caiçumada, festival, reuniões, apresentação cultural, entre outros, trazendo proteção, energia das plantas e dos animais. Para fazermos essas apresentações usamos os instrumentos tradicionais do povo Apolima Arara, como: tambor, flauta, pife, xeque, entre outros. Esse trabalho apresenta uma pesquisa sobre as músicas do povo Apolima Arara, realizada na aldeia Novo destino, através de entrevistas com algumas pessoas da comunidade que sabem cantar as músicas do povo Apolima Arara na língua materna, afim de contribuir com o resgate das músicas do povo Apolima Arara na língua materna. Os colaboradores foram Maria Vanuzia Rosas Macedo, Maria de Fátima Rosas Macedo, Antônio Hunatã Macedo da Silva e José Alisson Rosas Macedo. A pesquisa está sendo registrada. Durante conversa com os colaboradores usei o celular para gravar e facilitar o meu trabalho na hora de realizar a escrita. Todas as músicas foram gravadas na aldeia Novo destino em comemorações importantes como festa de mariri e outras apresentações culturais.

**Palavras-chave:** Músicas Apolima Arara, Instrumentos musicais Apolima Arara, Povo Apolima Arara, Cultura indígena, Cantorias Apolima Arara.

---

<sup>1</sup> Edson é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta.. E-mail: jose.edson.n.s@sou.ufac.br



## IMAGENS DA TRANSFORMAÇÃO HUNI KUI

José Mateus Kaxinawa, Itsairu Hunikui<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Sou José Mateus Kaxinawa, Itsairu Hunikui. Sou da Terra Indígena baixo Rio Jordão, aldeia São Joaquim, à qual pertencem 123 pessoas de população e 15 famílias nesta localidade, entre crianças, mulheres e homens, representantes, lideranças, pajés, professores, agentes florestais e artesãos. Estou fazendo a minha pesquisa sobre a ciência linguagem de animais- vegetação, coletivo de pesquisa, através das imagens, com trabalhos de desenhos e pintura em tela, assim como pintura corporal com desenhos kene. Esses trabalhos artísticos de desenho e pintura que venho desenvolvendo se baseiam em cantorias rituais huni kui e também nas narrativas tradicionais, os mitos huni kui, as histórias dos antigos. Tanto as histórias quanto os mitos trazem momentos de transformações que permitem ver e traduzir a comunicação com os mundos dos animais e vegetais tais como jiboia, urubu, minhoca entre outros e vegetais tais como ervas medicinais entre outros e ainda outros objetos elementos da natureza como o tibungo de barro, que também se transformou em uma mulher. Estou buscando a pesquisa de escrita de tradução com entrevistas, fotos, desenho, texto, experiência durante o curso e discutindo apresentação do trabalho. A apresentação contará com audiovisual, leitura de textos, análise de cantos, apresentação, análise e debates sobre desenhos e pinturas que traduzem artes verbais huni kui. Cada povo, nós temos os nossos hábitos de uso a convivência de cultura diferente do cada povo. Temos cultura, a dinâmica de dramatização diferente um para outro e também a nossa cerimônia tradicional, a dieta de preparação desde quando criança, tanto na prática como na teoria, de fazer pesquisa com os conhecedores. E assim nós estamos trazendo nossa pesquisa para somar junto com outros parentes, povos que trazem suas pesquisas. Isso é importante para nós todos estamos segurando a nossa cultura e nosso conhecimento para que não acabamos e nem perda de nossa sabedoria. Nós estamos arquivando nos computadores, na biblioteca da UFAC, elaborando um livro didático para que essas pesquisas fiquem circulando nas escolas com os professores, com os alunos, pois faz a continuidade da pesquisa, pesquisando, geração por geração. Isso estamos construindo uma nova história, revitalizando, mostrando tempo de história presente.

**Palavras-chave:** Povo Huni kui, Arte Indígena Contemporânea, Pintura corporal, Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Itsairu é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## PAE TXANIMA, MÚSICA PARA CHAMAR A FORÇA DO CIPÓ

Josias de Araújo Braz Kaxinawá<sup>1</sup> Universidade  
Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na Terra Indígena Igarapé do Caucho, aldeia Caucho, rio Murú, município de Tarauacá, no mês de fevereiro do ano de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre o conhecimento tradicional do meu povo hunikuĩ, que dentro dessa prática traduz a linguagem dos animais e vegetais através da cantoria sagrada do cipó. Quando se toma o Nixipae, canta-se essa música para chamar a força do cipó e todos que tomaram o cipó passam a sentir a vibração da força e começam a viajar com o poder que tem essa cantoria (NAI MÃPU YUBEKÃ). Desenvolvi essa pesquisa entrevistando o ancião da aldeia: Antônio Alberto Rodrigues Kaxinawá de 41 anos de idade. Ele canta esse cântico quando utiliza o Nixipae que é uma medicina misteriosa, por meio da sua força, comunicamos com o mundo dos animais e dos vegetais e também traduzimos a linguagem desses animais e vegetais através da miração. Porque a miração do Nixipae é uma luz verdadeira da natureza oferecida pelo cipó que mostra tudo o que vai acontecer ou o que será projetado para o futuro. E a força do cipó é uma força muito poderosa, que traz uma grande conexão com o mundo dos espíritos dos seres yuxibu da floresta. Por exemplo: os povos que subiram para o céu. Foram eles que passaram um tempo só tomando keya huni até subir e conviver lá, dando força para os povos aqui na terra quando eles tomam o huni e se conectam com esse poder. E também vem uma conexão muito forte com o espírito da água, porque foi da água que esse conhecimento do Nixipae foi trazido, quando dua buse se encantou e mergulhou na água junto com a jiboia e lá encontrou toda a família da jibóia morando e eles faziam seus rituais tomando o cipó. E outra conexão é com a terra e todos os seres que nela mora, como a própria jibóia que é o principal ser misterioso; o mãpu que é um pássaro que mora sozinho em lugares bem na mata, serrado; o shãwã que é a arara e outros seres poderosos da natureza encantada. E essa cantoria tem o poder de levar a pessoa a conectar junto o céu e a terra na forte vibração de sua força.

### YUBE TXANIMA - NAI MÃPU YUBEKÃ

A aa ee a a e,aa ee aa e a. Nai

mãpu yubekã,

---

<sup>1</sup> Josias é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



Mĩ yubetxanima tãkĩ, Nai

duniwã tãki,

Yuxi hutu yubekã, Mĩ Yube txanima tãkĩ, Dau

tunũ mushawẽ, Dautxatximatamanikẽ,

Nai mane shumushwẽ,

Hushu yumẽ txikeũ, Bake

berunã buã,

Pae yuã shununã,

Nai mãpu yubekã significa as três forças espiritual juntas, forças yuxibu mesmo. Yuxibu quer dizer os “encantados poderosos” e os “seres de luz”, porque, quando canta, se está chamando essas forças. Ligando a jibóia e a força dela e o pássaro que é o mãpu yuxibu pássaro encantado, e o céu, que, no céu, corresponde todas as conexões de poderes de luz dentro do Nixipae.

**Palavras-chave:** Povo Hunikuĩ, Ayahauasca, Música Hunikuĩ, Medicina Hunikuĩ.



## A CHUVA (UY) PARA O POVO PUYANAWA

Keneya Puyanawa<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que iniciei na Aldeia Ipiranga, Terra Indígena Puyanawa, Mâncio Lima, em abril de 2024. A pesquisa foi sobre o conhecimento tradicional da chuva, na disciplina Ciências e conhecimentos tradicionais. Desenvolvi esta pesquisa entrevistando o cacique Joel Puyanawa, líder geral das aldeias Barão e Ipiranga, de 53 anos, grande conhecedor dos conhecimentos do povo, e também com minha avó de 63 anos Sofia Lopes do Nascimento Puyanawa, professora aposentada que fez parte de todo o processo de resgate cultural do povo Puyanawa. Os conhecimentos do nosso povo são repassados de geração para geração, de pai para filho. A chuva é um fenômeno da natureza que no conhecimento científico tem uma explicação mais complexa e detalhada. O nosso povo usava suas experiências para explicar esse fenômeno através de algumas práticas do seu dia a dia e de sinais que a própria natureza transmitia através de animais. Com isso, através da observação, os nossos antigos adquiriram a sabedoria das épocas de chuva e então se preparavam para a chegada dessa chuva, que para eles era época de fartura, muito peixe e frutas. Entretanto, o fenômeno da chuva tem um grande significado na história do povo Puyanawa. Escolhi esse conhecimento para mostrar o seu significado ancestral e também com o objetivo de deixar esse conhecimento registrado, para que as gerações futuras usem como referência para aprender os nossos conhecimentos tradicionais.

**Palavras-chave:** Chuva, Puyanawa, Significado, Sabedoria, Conhecimento Ancestral.

---

<sup>1</sup> Keneya Puyanawa é acadêmico da Licenciatura indígena da UFAC – Floresta. Pertence ao Puyanawa e vive na Terra Indígena do seu povo, localizada no município de Mâncio Lima. shenipabu@gmail.com



## ALIMENTAÇÃO DO POVO APURINÃ: O CASO DA TERRA INDÍGENA VALPARAÍSO

Kirlen Lima de Souza Apurinã<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho tem como tema principal a importância da alimentação apurinã e sua diversidade nutricional como aspecto cultural que caracteriza esse povo. Realizei essa pesquisa e entrevista com o líder indígena Wantu Apurinã da Terra Indígena Apurinã Valparaíso, localizada no sul do Amazonas, município de Boca do Acre. Meu pai, Wantu, de 58 anos, é o cacique da sua comunidade. A alimentação do meu povo Apurinã é profundamente ligada à sua cultura e modo de vida. Tradicionalmente, a alimentação é composta por uma variedade de itens provenientes da caça, pesca, coleta e agricultura. Os principais alimentos são mandioca, milho, frutas nativas e proteínas obtidas através da caça de animais silvestres e da pesca nos rios, um deles bem popular, o rio Purus. Os Apurinã praticam a agricultura de subsistência, cultivando plantas que são fundamentais para sua alimentação e que têm papel central em seus eventos culturais e sociais. A mandioca, por exemplo, é um alimento básico, bastante produzido. Ela é transformada em farinha tradicional, beiju, farinha d'água como também na bebida chamada de caiçuma, bastante conhecida pelos Apurinã. O líder indígena explica como a produção é feita, as divisões e as fases de cada etapa até o produto final, a farinha ou outros derivados da macaxeira. O papel essencial desse alimento é sustentar e nutrir várias gerações de Apurinã dentro da Aldeia Valparaíso. É uma fonte de energia confiável e de fácil cultivo, tornando-se indispensável para a sobrevivência e a saúde da comunidade. A transformação da macaxeira em uma variedade de produtos exemplifica o conhecimento indígena em aproveitar os recursos naturais de maneira eficiente, tornando-se uma arte de sobrevivência. Visando ao olhar nutricional, trata-se de um alimento rico em carboidratos, fibras, vitaminas e minerais que fornece uma boa qualidade de vida. Portanto, a alimentação do povo Apurinã é rica em expressão cultural. Valorizando ainda mais a subsistência, reflete o profundo conhecimento e garante, além da nutrição, também a preservação de tradições e a conexão com a identidade cultural. Contudo, mais estudos são necessários para aprofundar não só os conhecimentos sobre os valores socioculturais da alimentação, mas também para a compreensão nutricional. Reconhecer e

---

<sup>1</sup> Kirlen Lima de Souza Apurinã é graduanda do curso de Nutrição na UFAC – Universidade Federal do Acre. E-mail: Kirlen.souza@sou.ufac.br



valorizar a alimentação indígena é essencial para garantir a importância alimentar e, com ela, a saúde da comunidade.

**Palavras-chave:** Alimentação Apurinã, Povo Indígena Apurinã, Macaxeira, Saúde pela Nutrição, Subsistência.



## PINTURA CORPORAL NAWA

Marcelo Lima Machado/Shanayvu Nawa<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Sou Shanayvu Nawa na língua materna. No português me chama Marcelo Lima Machado e pertença ao povo Nawa. Sou residente da aldeia Zulmira. Sou estudante da Licenciatura indígena do Campus Floresta, de Cruzeiro do Sul. Apresento um trabalho realizado na aldeia Novo Recreio, sobre o Nanê, que tem como objetivo principal mostrar a importância do Nanê para o povo nawa, sua forma de preparo e mostrar como esse trabalho está envolvido com a linguagem dos animais e vegetais. Minha pesquisa realizei com uma senhora do povo, Amália. Nesta pesquisa fomos à floresta em busca da nane. Quando chegamos próximo do pé de nanê, consagramos um rapé para limpar nossa mente, para poder pedir permissão à Mãe natureza, para extrairmos o jenipapo. Ao consagrarmos o rapé, já estamos envolvendo a linguagem dos animais e vegetais, porque o rapé é feito de plantas medicinais e ao inalarmos o rapé estamos conectando com essas plantas que vem da natureza. Ao assoprarmos o rapé estamos conectando com os animais, pois utilizamos o sopro dos animais na hora de assoprar o rapé. Então, isso para nós é uma forma de comunicar com a linguagem dos animais e vegetais. Após isso, pusemos o jenipapos em cestos e voltamos para casa. Ela me falou o seguinte: aqui nosso povo utiliza mais de uma forma para o preparo do jenipapo. Utilizamos a forma de preparo do jenipapo assado e também utilizamos a forma de preparar o jenipapo ralado. O jenipapo está envolvido com a linguagem dos animais e vegetais porque é uma fruta extraída da floresta e utilizamos seu líquido para fazer os grafismos em nosso corpo e quando estamos fazendo os grafismos, utilizamos os grafismos dos animais. Assim nos conectamos com esses animais, pois esses grafismos nos passam proteção, livrando de qualquer tipo de doença. Utilizamos o grafismo da jiboia, o grafismo do jabuti, o grafismo da força da natureza. Todos esses grafismos nos trazem uma proteção e um significado muito importante para nós, do povo Nawa. E através desses grafismos, feitos com a tinta do jenipapo, conseguimos nos conectar com os nossos ancestrais por meio da linguagem desses animais e vegetais, envolvidos nesta pesquisa que realizei com a senhora do nosso povo Nawa, Amália. Aprendi várias coisas novas, aprendi que nosso povo tem mais de um método para o preparo do jenipapo. Também aprendi a importância da pintura para o nosso povo.

**Palavras-chave:** Povo Nawa, Pinturas corporais, Tintas naturais, Jenipapo, Grafismos Nawa.

---

<sup>1</sup> Marcelo é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## RELATÓRIO DE PESQUISA SOBRE O PPP DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA RURAL PEDRO ANTÔNIO DE OLIVEIRA

Maria Alice Oliveira Izidio <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** A apresentação que proponho para o III Seminários dos Acadêmicos Indígenas do Acre se baseia em um artigo que é resultado de uma pesquisa de campo intitulada “Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Rural Pedro Antônio de Oliveira (PAO) na Terra Indígena Nukini, Aldeia Isã/ República no município de Mâncio lima-AC/ Brasil. Realizada em uma escola pública de ensino fundamental I, II e ensino médio. Teve o objetivo de pesquisa sobre o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Rural Pedro Antônio de Oliveira. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa, que adotou como procedimento técnico a revisão de literatura descritiva e um estudo de campo. Como técnica de coletas de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada. Para análise dos dados, fez-se o uso do método descritivo, com uma professora da instituição escolar. Para fundamentar a referida investigação, tomamos como base os seguintes autores: Nukini (2019), Pimenta (2005), dentre outros textos que nos auxiliaram para aprofundar o tema em discussão. Como resultado desse trabalho, destacamos que a referida instituição atende nos níveis de ensino infantil, ensino fundamenta II, ensino médio regular. No período matutino funciona o ensino infantil e o ensino fundamental I de 1º ao 5º ano e no vespertino o ensino fundamental II de 6º ao 9º e ensino médio 1º, 2º e 3º série. A escola está em processo de consulta sobre o Projeto Político Pedagógico Nukini e ainda não foi aprovado pelo Conselho Nacional, está em consulta a minuta PPP da escola Pedro Antônio de Oliveira.

**Palavras-chave:** Povo Nukini; Projeto Político Pedagógico; Educação Escolar Indígena.

---

<sup>1</sup> Maria Alice é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## O XIRUWE DO POVO PUYANAWA

Maria Eduarda Silva Gomes UDIÁH<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Esta pesquisa tem como propósito falar um pouco sobre o nosso rapé, o xiruwe. Realizei a pesquisa na fase intermediária na Terra Indígena Puyanawa, na aldeia Barão. Essa pesquisa foi proposta pelo professor Amilton Pelegrino, no curso de Licenciatura indígena. Para realizar esta pesquisa tive a oportunidade de entrevistar um conhecedor da nossa aldeia que obtém vários conhecimentos ancestrais. Escolhi entrevistar ele sobre o meu tema xiruwe do povo Puyanawa. Essa entrevista obteve vários conhecimentos sobre esta medicina que envolve linguagens de animais e vegetais, que envolve a conexão dos animais. O xiruwe tem a comunicação com os animais e vegetais através dos cantos, os rituais, danças. Tem a comunicação também com o sopro, pois é através do sopro do xiruwe que sentimos essa comunicação com os animais e os vegetais que nos transformam em pessoas melhores, que traz a conexão com o espírito desses seres. Essa comunicação também envolve o preparo desta medicina que trazemos para o nosso uso medicinal dos vegetais. Para fazer o cano, utilizamos o osso do macaco guariba e o do gavião real, o que também traz a linguagem e a conexão com os animais. Usamos para o preparo do xiruwe a erva eucalipto que serve para sanar mal estar e cansaço. O puxuri é o mesmo uso do eucalipto. Utilizamos a cinza que é feita da sumaúma e assim traz a conexão com animais e vegetais. Utilizamos o xiruwe para trazer mais ânimo. Quando nos sentirmos muito cansados, sentimos uma força da floresta e um conhecimento que é passado por anciãos. Participei do preparo desta medicina de que obtive mais conhecimentos. Registrei esse momento com fotos e conversa no registro das fotos. Realizei com o meu marido esse feitio do xiruwe. Tem a prática de como é feito o xiruwe. Coloquei a foto do puxuri, o tabaco, o eucalipto e a cinza, que é preciso para a realização dessa medicina, para não sair de qualquer jeito. Esse feitio que me deu conhecimento que eu ainda não sabia. Esse momento foi uma inspiração para mim, que utilizo esta medicina. Agradeço primeiramente ao EPAĪTSĪ e segundo à medicina.

**Palavras-chave:** Povo Puyanawa; Rapé Puyanawa; Medicina; Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Udiáh é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## A RELAÇÃO DO POVO NUKINI COM A LINGUAGEM ANIMAL E VEGETAL

Inuhua Nukini<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

O referido trabalho é resultado de uma pesquisa que teve início em uma das etapas comunitárias do Curso de Licenciatura Indígena (CLI) da Universidade Federal do Acre (Ufac Campus Floresta), etapa que acontece nas Terras Indígenas (TI). Tal pesquisa foi realizada na aldeia Recanto Verde, T. I. Nukini, localizada à margem esquerda do rio Môa, no sentido da nascente para a foz, no município de Mâncio Lima – Acre. Realizada em março de 2023, essa pesquisa está relacionada com os conhecimentos tradicionais do povo Nukini e sua relação com a linguagem animal e a linguagem vegetal através dos clãs. Paulo Francisco de Almeida Cardoso, 42 anos de idade, foi o colaborador principal de minha pesquisa. A linguagem animal e vegetal é traduzida para nós, Nukini, através dos quatro clãs: *Inũvakevu* que é o clã da “gente da onça”, clã que representa todos os seres; *Xanũvakevu*, o clã da “gente da cobra”, que pertence à família Maneiro; *Isãvakevu*, o clã da “gente do patuá”, que pertence à família Evaristo. *Panãvakevu*, o clã da “gente do açai”, que pertence à família Muniz. Os clãs representam as nossas quatro famílias de origem e a ligação animal e vegetal através da onça, cobra, patuá e açai. Dentro dos clãs, essas linguagens são traduzidas através de pinturas corporais, cantos, histórias e características das famílias. Atente-se para importância dos corpos, a corporalidade, como são os casos das pinturas e dos adereços, nesse processo de tradução. O corpo do urucum e do jenipapo se liga com o corpo humano, animal e vegetal através da pintura, dos grafismos e de sua representatividade. A pintura da onça faz uma ligação do nosso corpo com o corpo do animal através do corpo do jenipapo, que é o responsável por fazer a junção dos corpos. Também vale ressaltar como a linguagem animal é constitutiva da ligação de parentesco por meio da relação das famílias com os clãs. Conclui-se que a ligação do povo Nukini é muito forte com a natureza.

**Palavras chaves:** *Inũvakevu*, *Xanũvakevu*, *Isãvakevu*, *Panãvakevu*, famílias, origem, junção, corpos, parentesco.

<sup>1</sup> Inuhua Nukini é acadêmica da Licenciatura indígena da UFAC – Floresta. Pertence ao povo Nukini e vive na Terra Indígena do seu povo, localizada no município de Mâncio Lima. Email: srtfernanda808@gmail.com



## DIETAS PARA MULHERES GRÁVIDAS DO POVO SHANENAWA

Nawa Shahu (Maria Valderlene Souza da Silva Brandão) <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Eu, Maria Valderlene Souza da Silva Brandão, pertencço ao povo Shanenawa, que tem como símbolo povo do pássaro azul, da aldeia Morada nova, Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, que fica situada à margem direita do alto Rio Envira, no município de Feijó, estado do Acre. Minha pesquisa foi realizada na própria aldeia Morada nova, tendo como tema ervas medicinais. O foco principal são as dietas para as mulheres grávidas do povo Shanenawa, na alimentação e no resguardo, depois de nascimento da criança. A pesquisa foi realizada com a anciã e parteira Shanenawa Runi. Ela se disponibilizou a me ajudar depois de um bom diálogo e inúmeras visitas em sua residência. Muito se discute a importância das ervas medicinais. Na prática buscamos fortalecer e valorizar as nossas medicinas sagradas da nossa floresta, as nossas farmácias vivas, na espiritualidade, através das histórias contadas pelos nossos anciãos da aldeia Morada Nova. No povo Shanenawa, tem vários tipos de ervas medicinais da floresta, para todos os tipos de enfermidades no corpo humano. Nas aldeias do povo Shanenawa, atualmente tem poucos anciões, mas esses que ainda estão vivos, tem um papel fundamental dentro das aldeias continua ensinando os conhecimentos que adquiriram com suas ancestralidades, que chamamos de biblioteca viva, por isso que nós indígenas passamos geração em geração, para os filhos, netos, irmãos e etc.. Muito se discute a importância das ervas medicinais, portanto nesse momento irei abordar o tema importante dentro da minha pesquisa, as dietas das mulheres grávidas, do povo Shanenawa (AWIHUHU TUYA). As mulheres Shanenawa ainda valorizam a dieta da gravidez, nascimento das crianças e alimentação. A pesquisa foi realizada na casa da anciã através de gravação de vídeo e desenhos. No vídeo, a anciã e parteira relata um pouco como foi adquirido seus conhecimentos tradicionais. E na sua fala também mencionou vários tipos de ervas medicinais, as dietas das grávidas shanenawa do que não pode comer e as dietas para o resguardo, no modo de preparo, como usa, para que serve etc... A minha pesquisa com a anciã é parteira veio a tradução das linguagens dos animais e vegetais entre a fala da terra. Vale apena ressaltar que com essa pesquisa que trabalhei só fortaleceu cada vez mais meus conhecimentos, pois já venho aprendendo e praticando, pois Runi e minha sogra e sempre se disponibiliza a ensinar seus conhecimentos tradicionais.

**Palavras-chave:** Dietas, Mulheres Shanenawa, Gravidez, Medicina.

<sup>1</sup> Maria Valderlene Souza da Silva Brandão é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Vive na aldeia Morada Nova, Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, no rio Envira. maria.valderlene@sou.ufac.br



## KĒDE TSITSAYA PUYANAWA

Xinã Yruya (Valeria Puyanawa)<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**RESUMO:** O referido trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na Aldeia Ipiranga, município de Mâncio Lima Acre, Terra Indígena Puyanawa, iniciado em agosto de 2023 na disciplina orientada pelo professor Amilton Mattos com o tema Fala da Terra. O modo como entendemos, ao nosso ver, os sinais da floresta, do céu, das águas, os astros e os seres, sendo uma maneira de linguagem, à forma como entendemos a terra e a relação que temos com ela. A pesquisa foi sobre o conhecimento tradicional do meu povo Puyanawa. A pesquisa foi executada em fevereiro de 2024, baseando-se na tradução da linguagem dos animais e vegetais através do KĒDE TSITSAYA PUYANAWA usando pigmento natural da floresta NĀDE. A entrevistada foi a minha vó, anciã YAYATSIPUKI (Sofia Puyanawa), de 72 anos, professora aposentada. Ela vivenciou boa parte da história de nosso povo em todos os aspectos, inclusive passou boa parte de sua infância com parentes da nossa primeira geração, principalmente com mulheres de quem herdou as primeiras pinturas tatuadas no corpo do povo Puyanawa, sábia e conhecedora sobre estas pinturas. Também entrevistamos outra anciã, Leunise Puyanawa de 92 anos, que contribuiu com suas lembranças sobre o nãde DAXI, além de outro sábio, que falou sobre cantos sagrados que tem relação com a linguagem dessa prática de conhecimento, por meio da qual nos comunicamos com mundos animal e vegetal HEHE. Também traduzimos a linguagem dos animais e vegetais através do grafismo no corpo, porque nessa técnica de tradução da linguagem dos animais e vegetais, a cantoria sagrada do Nãde está ligada com o grafismo do povo. Essas cantorias sagradas falam do grafismo dos animais e vegetais, de todo o processo a ser seguido para obter a tradução desses dois mundos. Para a realização da pesquisa fiz questionário, preparação do jenipapo, pintura no corpo junto a jovens especialistas nesta prática, observações, participação ativa nos rituais e festas tradicionais, além da vivência nesta prática. Escolhi esse conhecimento para mostrar na prática através de imagens, fotos e áudios manuscritos com o objetivo de deixar esse conhecimento registrado, o conhecimento do povo Puyanawa revitalizado, que traduz a linguagem do animal com a linguagem do vegetal para tornar material para a escola Ixūbāy Rabuñ Puyanawa afim de inspirar os jovens e as gerações futuras ao uso desta prática.

**Palavras-chave:** Nãde, Relação, KĒde, Tsitsaya, Revitalização.

<sup>1</sup> Xinã Yruya é graduanda em Licenciatura Indígena pela UFAC, Campus Floresta. maria.valeria.s@sou.ufac.br



## MÚSICA YUA KENATY DO POVO SHANENAWA

Maria Vanderlândia Brandão da Silva Shanenawá<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Eu sou Vanderlândia, da etnia Shanenawa. Eu moro na aldeia Shaneyhu, que fica localizada no município de Feijó, na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, no baixo rio Envira. O trabalho que me proponho a apresentar no III Seminário dos Acadêmicos Indígenas do Acre se baseia na minha pesquisa que tem por tema yua kenaty, que é uma música que chama *A força do Legumes*. A música yua kenaty é muito sagrado para o povo Shanenawa. Quando cantamos essas músicas, estamos conectados com os espíritos dos legumes e dos animais. É uma forma de fala da terra com Animal e vegetal. Portanto, o referido trabalho proporciona entender técnicas de se comunicar com os mundos animal e vegetal. A minha pesquisa foi feita com participação da professora Suane. A professora relata que cantamos essas músicas em festividades ou em época de plantações. O povo Shanenawa canta essa música para chamar todo tipo de legume e nas festas tradicionais, cantamos e fazemos as brincadeiras da mandioca, da cana, do mamão e demais brincadeiras envolvendo crianças, mulheres e homens. Quando estamos plantando os roçados e quando formos cantar essas músicas, precisamos estar pintados. Para nós nos pintarmos, usamos o jenipapo e o urucum. Usamos essas 2 substâncias para fazer os grafismos em várias partes dos nossos corpos. Essa música vem dos nossos ancestrais. O povo Shanenawa procura fortalecer e passar para Gerações Futuras, que são os netos, os filhos e os bisnetos.

**Palavras-chave:** Povo Shanenawa; Música Shanenawa; Rituais; Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Vanderlândia é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## PINTURA CORPORAL

Marinelda Izidio <sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Pesquisa realizada sobre pintura corporal com o objetivo de conhecer um pouco sobre minha origem e assim ter a experiência. Minha primeira experiência sobre pintura corporal se deu na Universidade Federal do Acre, onde através do convívio com outros parentes pude ver o quanto a pintura é sagrada para todo indígena. Esse convívio gerou uma curiosidade em mim para sentir o poder da pintura no corpo. Ao pesquisar, descobri que, para todo indígena, tudo que vem da natureza é sagrado e, como a matéria-prima para realizar a pintura vem de vegetais e frutas em especial jenipapo, considerada fruta sagrada, esta prática não é apenas uma expressão artística mas também é um elemento fundamental para a identidade de um povo. Ela é uma forma de comunicação com seus ancestrais. Além disso, as pinturas corporais são utilizadas em rituais e cerimônias e serve também para transmitir o conhecimento e a proteção espiritual. Minha pesquisa não foi em minha comunidade e sim na aldeia Puyanawa, onde pintei meu corpo pela primeira vez. Minha experiência era tamanha que até hoje não sei como é o nome do da pessoa que fez a pintura no meu corpo. Depois, na segunda vez, foi com a Xinã Yruya. Dessa vez foi bem tranquila e ela, com toda a sua experiência de fazer pintura sagrada, foi me falando a importância da pintura para nós, indígenas. Xinã Yruya me falou da ligação que a pintura tem com a espiritualidade do espírito da fruta, do espírito dos animais, que transmitem seu poder através da pintura. Para quem sente o poder da pintura, passa a respeitar de um jeito diferente e assim vê o quanto a pintura é sagrada, associada aos seus significados. Ao relatar essa experiência, busco contribuir para promover o respeito pela diversidade cultural indígena.

**Palavras-chave:** Pinturas Corporais, Puyanawa, Xinã Yruya, Diversidade Cultural Indígena.

---

<sup>1</sup> Marinelda Izidio é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: marinelda.izidio@sou.ufac.br



## CLÃS DO POVO NUKINI

Ixti Nukini<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa que realizei em março 2024, na Aldeia Vaka Visu, Terra Indígena Nukini, localizada no município de Mâncio Lima, estado do Acre, margem esquerda do rio Moa. A pesquisa teve como tema “Tradução das linguagens dos Animais e vegetais através dos clãs do povo Nukini”. Os Nukini possuem uma organização com quatro clãs patrilineares, que são INU VAKEVU (filhos da Onça), clã que representa todos os seres; XANU VAKEVU (família da Cobra), ao qual pertence a família Maneiro; ISÃ VAKEVU (família do Patoá), ao qual pertence a família Evaristo; e PÃNA VAKEVU (família do Açaí), ao qual pertence a família Muniz. Os clãs são uma das linguagens com que nos comunicamos com animais e vegetais. A nossa técnica de tradução com esses clãs vem primeiramente com a organização da comunidade com o parentesco. Assim, comunicamos com esses animais e vegetais através das músicas, das pinturas corporais, da concentração, das rezas e da espiritualidade. Além disso, é grande a importância dos corpos, como nos casos das pinturas e adereços, com a tinta do urucum e do jenipapo se ligando com o nosso corpo através da pintura e de sua representatividade, acompanhada das pinturas e da música dos clãs, onde a dança revela como a questão da transformação dos corpos através do movimento é central nos processos que envolvem o canto e as práticas musicais. A dança consiste na utilização do movimento dos corpos em função da comunicação com outros mundos. Assim, o trabalho destaca a importância de conhecer a linguagem de Animais e Vegetais através dos Clãs do povo Nukini e seus significados.

**Palavras-chave:** Clãs Nukini, Família, Origem, Junção, Parentesco.

---

<sup>1</sup> Ixti é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Vive na Terra Indígena Nukini, no rio Moa. milenanukini96@gmail.com



## KATXA NAWÁ HUNI KUI

Mocilda de Sousa Lopes Kaxinawa/Tamani Huni Kui <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Meu nome é Mocilda de Sousa Lopes Kaxinawa. Meu kenakuni é Tamani Huni Kui. Moro na aldeia Nova Esperança, município de Feijó, na Terra Indígena Currealinho, médio Rio Envira. O tema da minha pesquisa que proponho para apresentar no III Seminário dos Acadêmicos Indígenas do Acre é katxa nawá. Eu pesquisei com o ancião da minha aldeia, Benedito Martins, falando sobre o katxa nawá. O katxa nawá também envolve dança, música, brincadeira, alimentação, as cantorias, as rezas, medicina, vestuário, pintura corporal, jenipapo e urucum. Porque é importante o katxa nawá para o povo huni kui? Para fortalecer os nossos conhecimentos e trazer e chamar a força do espírito dos legumes, para ter mais fartura e mais produção na terra indígena. A importância da minha pesquisa é valorizar a minha cultura com dança, música e história, pintura corporal. Comunicamos pelo corpo dos animais com a floresta, com os pássaros, as medicinas, com vestuário, dança, enfeite corporal, pintura do jenipapo, história, cantoria. A linguagem de animais e vegetais são pelos cantos, sinais, pela ciência espiritual, pela sananga. O material didático na pesquisa: caderno, lápis, pincel, celular, cartolina etc.. A minha pesquisa feita com a linguagem de animais pela reza, cantoria, dieta, pintura corporal, que fica interligada no espiritual, pedindo a força do universo. A partir daí, a linguagem de animais e vegetais se comunica na relação com a fala da terra.

**Palavras-chave:** Povo Huni Kui; Katxa Nawá; Rituais; Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Tamani é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## MEDICINA TRADICIONAL HUNI KUI

Odair Sales Sereno Kaxinawa<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Meu nome é Odair Sales Sereno Kaxinawa, Dua Buse na língua Hãtxa Kuin do povo Huni Kuin. Vivo na Terra Indígena Kaxinawa/Ashaninka Rio Breu, aldeia Jacobina. O presente apresentação proposta no III Seminário dos Acadêmicos indígenas do Acre se baseia em um trabalho que resulta de uma pesquisa que realizei durante a fase intermediária da Licenciatura indígena na minha Terra Indígena, no Rio Breu, em setembro de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre conhecimento tradicional do povo Huni Kuin, que traduz a linguagem dos animais e vegetais e espírito através da medicina tradicional sagrada. Desenvolvi esta pesquisa entrevistando meu irmão conhecedor Ixã Rua Bake, de 45 anos especialista no conhecimento do uso das plantas medicinais tradicionais do povo Huni Kuin, por meio da qual comunicamos com mundo animal, vegetal e espíritos. Também traduzimos a linguagem dos animais, vegetais e espíritos, cura das doenças com as ervas medicinais sagradas (Rau Kuin) está ligado com as plantas medicinais. Essas ervas medicinais são de utilidade de curas das doenças causada pelos animais da floresta. Para a realização da pesquisa fiz junto com o especialista a retirada das plantas medicinais e a preparação de um banho, que ele ministrou em mim e nas mulheres, homens e jovens. O especialista explicou então que o banho cura as doenças causado pelos animais e traz prevenção de uma nova doença. Escolhi esse conhecimento para mostrar na prática com o objetivo de deixar esse conhecimento registrado, o conhecimento do povo Huni Kuin que traduz a linguagem do animal e vegetal.

**Palavras-chave:** Povo Huni Kuin, Medicina Huni Kuin, Ervas Medicinais, Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Odair é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: odair.kaxinawa@sou.ufac.br



## A PINTURA DO JENIPAPO

Nãma (Ozileia Macedo da Silva)<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo expressar a cultura e a conexão com a natureza através da pintura do jenipapo explorando a relação entre ser humano e a natureza. A pesquisa foi realizada na Aldeia Novo Destino, localizada no Rio Amônia no município de Marechal Taumaturgo, em 2024. A pesquisa se baseia na análise da pintura do jenipapo com a linguagem animais e vegetais. Tendo como resultado da pesquisa onde a pesquisa revela rica linguagem utilizada na pintura do jenipapo, onde representa animais e vegetais demonstrando a profunda conexão entre o ser humano e a natureza na cultura da Aldeia Novo Destino. Para minha conclusão e aprendizado a pintura se torna uma forma de comunicação e expressão da cultura transmitindo saberes e valores sobre a relação entre o seres vivos onde a pintura do jenipapo é uma expressão cultural e rica e significativa para meu povo que releva a relação entre o ser humano com a natureza através da linguagem visual a pintura transmite conhecimentos e valores sobre o mundo natural celebrando a diversidade da vida com a importância da conexão com o ambiente.

**Palavras-chave:** Pintura, Jenipapo, Cultura, Linguagem.

---

<sup>1</sup> Nãma é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: ozileia.silva@sou.ufac.br



## KÃPO, MEDICINA SAGRADO

Peo Varinawa<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizamos na aldeia Varinawa, município de Cruzeiro do Sul - Acre, Terra Indígena Campina/Katukina BR-364. A pesquisa que realizamos foi sobre conhecimento tradicional do povo noke koi, que traduz a linguagem dos animais e vegetais através da medicina sagrada do kãpo. Desenvolvemos esta pesquisa, entrevistando um pai de família da comunidade, o jovem Vana Varinawa, de 23 anos, especialista no Medicina sagrado kãpo, leite extraído do sapo kãpo, por meio do qual nos comunicamos com mundo animal e vegetal. Também traduzimos a linguagem dos animais e vegetais através do grafismo, porque nessa técnica de tradução da linguagem, surge a Cantoria sagrada do kãpo que está ligada com o grafismo. Essa cantoria sagrada fala do grafismo dos animais e vegetais. Para a realização da pesquisa, fizemos junto ao especialista a retirada do kãpo e a preparação da coleta de leite de kãpo, que foi utilizada como testes em um grupo de jovens mulheres. O especialista explicou então que a comunicação acontece quando a gente prepara o kãpo, queima a pele com cipó títica e passa leite do kãpo na pessoa. Sentimos então a conexão com a medicina dentro do nosso corpo e passamos a nos comunicar com animais e vegetais através do kãpo, da medicina sagrada. E assim passamos a traduzir a linguagem dos animais e vegetais através da vibração do canto sagrado do kãpo, do próprio kãpo. Essa prática que nós fazemos para desenvolver habilidade de artesanato com grafismo. Os animais e vegetais que se envolvem nessa prática do meu povo noke koi, na cantoria sagrada, são os pássaros de alta visão do mundo: papagaio, vawa, gavião, tete, arara, shawã, assim como o vegetal kãpo que é a medicina sagrada que passamos no corpo. Escolhi esse conhecimento para mostrar na prática. Concluímos com essa pesquisa de kãpo.

**Palavras-chave:** Povo Noke Koi, Medicina Kãpo, Linguagens de animais- vegetais, Música Noke Koi, Grafismo Noke Koi.

---

<sup>1</sup> Peo é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta.. E-mail: shenipabu@gmail.com



## KENES NUKINI

Ixtiwã Nukini<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa que realizei em outubro 2023, na Aldeia Vaka Visu Terra Indígena Nukini, localizada no Município de Mâncio Lima, estado do Acre, margem esquerda do Rio Moa. A pesquisa teve como tema “Os Kenes Nukini e seus significados”. Consegui registrar 12 Kenes Nukini, que são desenhos Simbólicos Sagrados. Esses Kenes simbolizam a identidade e a religiosidade do povo. O kene do PANÃ (AÇAÍ) representa um dos clãs do povo Nukini, servindo como proteção daquelas pessoas que recebem esse Kene. O Kene da KAWANI (CHACRONA) é uma pintura muito importante, pois representa a rainha da floresta, simbolizando sabedoria, luz, paz e proteção. Essas, entre outras pinturas Nukini, representam a vida da comunidade no campo da cura e da proteção sagrada. Alguns kenes foram produzidos pelos antepassados, permanecendo como fonte de conhecimentos na tradição do povo Nukini. Outros mais recentes foram descobertos por algumas pessoas que tomam o chá UNI no ambiente da aldeia durante os trabalhos espirituais, quando nos comunicamos com mundos animal e vegetal através desses kenes, que são artes que vestem nossa pele, que potencializam cura e proteção conectando o corpo das pessoas aos significados de cada pintura. A transformação dos corpos é um modo de comunicação e tradução que permite a comunicação com outros mundos. A força dessas pinturas se baseia na transformação pela qual o corpo da pessoa passa ao entrar em contato com o grafismo. Ao receber a pintura, a pessoa se concentra para que o significado daquela pintura possa se comunicar com o seu corpo, daí começa a comunicação com os animais e vegetais por meio da concentração, do grafismo corporal, rezas, força, comunicação, música, dança, movimento do corpo, ritmo, resistência e da espiritualidade. Assim o trabalho destaca a importância de conhecer as pinturas indígenas nukini e seus significados.

**Palavras-chave:** Kene Nukini, Grafismo, Cura e Proteção, Comunicação animal-vegetal.

---

<sup>1</sup> Ixtiwã é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Vive na Terra Indígena Nukini, no rio Moa. shenipabu@gmail.com



## PUPU ITXÛTI

Alice Vitoria da Silva Brandão Shanenawa<sup>1</sup>  
Universidade Federal Do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na aldeia Nova Vida, baixo Rio Envira, Feijó Terra Indígena Katukina\Kaxinawa, em agosto de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre como espantar os caboré cantando um xikare chamada Pupu Itxûti. Desenvolvi essa pesquisa entrevistando meu pai Ruahu Shanenawa, cacique da aldeia Nova Vida. Nessa pesquisa ficou evidente a importância de cantar esse xicare, tanto em noites comuns como em noites de cerimônia, pois ele mantém as corujas e os caborés longe, espantando também outros pássaros da noite. Nesse sentido, aproveito para deixar registrado o canto do Pupu Itxûti:

YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ

YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ

EPE ESHE VETARA, EPE ESHE VETARA, A

FETARANIHU, EPE ESHE VETARA

YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ

YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ

TAE KIRI RANIA, TAE KIRI RANIA TAE

KIRI RANIA, TAE RIKI RANIA YAMÃ,

YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ YAMÃ, YAMÃ,

YAMÃ, YAMÃ

YUMÊ RUSHKA TXITARA, YUMÊ RUSHKA TXITARA, ATXINARANIHU YUMÊ

RUSHKA TXITARA

YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ

YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ

WASI ESHE RETXIXMI, WASI ESHE RETXIXMI, ARETXIXMIKANI WASI ESHE RETXIXMI YAMÃ, YAMÃ,

YAMÃ, YAMÃ

YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ, YAMÃ

**Palavras-chave:** Xikare; Cultura Indígena; Aldeia Nova Vida; Tradição

---

<sup>1</sup> Alice é graduanda em Ciências Biológicas pela Ufac, Núcleo Feijó.



## A ARTE DO KENE - NUKU KENE KENA XARABU

Romagerio da silva matos de Araújo Kaxinawá <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Eu, Romagerio da silva matos de Araújo Kaxinawa, pertenço ao povo Huni kui, moro na aldeia Morada nova, Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, que fica situada à margem direita do alto Rio Envira, no município de Feijó, estado do Acre. Minha pesquisa foi realizada na Aldeia nova Olinda, tendo como tema a arte do kane (Nuku kene kena Xarabu) . O foco principal e mostra as diversas formas de uso e os variados tipos do kene que existem no desenho geométricos encontrados em toda a cultura material do povo Huni kui, como : na tecelagem em algodão, tecelagem em palha , decoração das cerâmicas , como também nas nossas pinturas corporais . A pesquisa foi realizada com a professora e representantes do artesanatos das mulheres Rosimeire Txira Huni Kui. Ela se disponibilizou a me ajudar depois de um bom diálogo e inúmeras conversas em sua residência. Muito se discute a importância da arte do kene . Na prática buscamos fortalecer e valorizar as nossas artes e pinturas da nossa floresta, as nossas Culturas vivas, na ancestralidade, através dos conhecimentos cultural pelos nossos conhecedores tradicionais do povo Huni kui . No povo Huni kui, tem vários tipos de Kene que o povo Huni kui usa para pinta o corpo, em diferentes momentos de festas, de acordo com a idade e sexo. Nas aldeias do povo huni kui os kene são utilizados na tecelagem de algodão ou fibras de palmeira e pinturas nos vasos de cerâmica e pinturas corporais que homes e mulheres fazem na vida cotidiana, que tem um papel fundamental dentro das aldeias do povo huni kui continua ensinando os conhecimentos que adquiriram com suas culturas tradicionais , que chamamos de biblioteca viva, por isso que nós indígenas passamos geração em geração, para os filhos, netos, e etc.. Muito algodão a importância da arte do kene, portanto nesse momento irei abordar o tema importante dentro da minha pesquisa, a arte do kene, do povo Huni kui (Nuku kene kena xarabu). Modernamente, encontramos os kene expressos nas pulseiras e colares, confeccionados em miçangas coloridas industrializadas. A pesquisa foi realizada na casa da Professora e artesã através de gravação e desenhos. Na gravação, a professora e artesã relata também como foi adquirido seus conhecimentos tradicionais. E no seu comentário também mencionou vários tipos de Kene, que existem sessenta e dois (62) tipos de kene utilizados em tecelagem de algodão e doze (12) tipos utilizados na pintura corporal, cerâmica e etc. utilizamos os kene nas festas tradicionais, artes de miçanga e também em confecções de tecidos mostrando o conhecimento das pinturas do povo indígena

---

<sup>1</sup> Romagerio é graduando em Ciências Biológicas e da Natureza pela Ufac, núcleo Feijó. Morador da aldeia Morada Nova, Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, no rio Envira. romageriom@gmail.com



Huni kui, no modo de fortalecimento cultural, aprendendo como usa, para que serve etc. A minha pesquisa com a Professora e artesã mostrou as diversas formas de uso e os variados tipos de kene que existem, traz também as Histórias de origem desses desenhos e os registros visuais dos processos de feitura dos objetos da cultura material do povo Huni kui. Vale apenas ressaltar que com essa pesquisa trouxe fortalecimento e conhecimentos, pois já venho aprendendo e praticando os kene, buscando cada vez mais para ensinar os conhecimentos tradicionais do povo Huni kui.

**Palavras-chave:** Pinturas Tradicionais, Conhecimentos, Aprendizagem, Fortalecimento do Kene .

---



## **SIDUÃ: MEDICINA QUE SERVE PRA MORDIDA DE COBRA**

Siã (Rosinalva Silva de Andrade)<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na Terra Indígena Nawa, aldeia Boca Tapada, município de Mancio Lima, Acre, em janeiro de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre conhecimento tradicional do meu povo Nawa, que tem a conexão com a linguagem dos animais e vegetais através da medicina. Desenvolvi essa pesquisa entrevistando a professora Lucila, de 53 anos de idade, que é uma grande especialista dos conhecimentos da medicina. Também convidei os alunos do 1º e 2º ano do ensino médio da escola João Bernardo Rodrigues para me acompanharem nessa pesquisa, por meio da qual nos comunicamos com o mundo animal e vegetal. Para realizar a pesquisa fizemos uma caminhada pela floresta até chegar onde tinha o pé da siduã, Chegando lá, a entrevistada explicou que há processos específicos para o preparo da medicina, pois há um ritual antes de retirar a planta, que a comunicação acontece quando a pessoa toma o sumo da siduã e que serve para todas as espécie de cobra. Sente-se então a conexão com a medicina dentro do corpo e se passa a comunicar com animais e vegetais através do sumo da siduã. E assim passamos a traduzir a linguagem dos animais e vegetais. Essa prática que nós fazemos de tirar o sumo da siduã é para desenvolver a cura da mordida de cobra. O animal e o vegetal que se envolvem nessa prática da medicina é a folha da siduã e o animal é a cobra. Escolhi esse conhecimento para mostrar através de audiovisual com o objetivo de deixar esse conhecimento registrado, o conhecimento do povo Nawa que traduz a linguagem do animal e vegetal.

**Palavras-chave:** Planta Medicinal, Sumo, Ritual, Povo Nawa.

---

<sup>1</sup> Siã é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Vive na aldeia Boca Tapada, Terra Indígena Nawa, município de Mancio Lima, Acre. [rosinalva.andrade@sou.ufac.br](mailto:rosinalva.andrade@sou.ufac.br)



## TRADUÇÃO DOS ANIMAIS E VEGETAIS ATRAVÉS DE UMA HISTÓRIA NUKINI

Samara Barboza da Silva <sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho que pretendo apresentar no III Seminário dos Acadêmicos Indígena do Acre recorre aos resultados de uma pesquisa que realizei em março de 2024, na aldeia Vaka-Visu, Terra Indígena Nukini, localizada no município de Mâncio Lima, estado do Acre, margem esquerda do rio Môa. A pesquisa teve como tema “Tradução dos Animais e Vegetais através de uma história do povo Nukini, Uma Caçada Perigosa”. Este trabalho visa aprimorar os nossos conhecimentos sobre a cultura, crenças e tradição dos nossos ancestrais e com isso proporcionar um futuro que possa fortalecer a cada dia nossa identidade indígena, isso porque os Nukini desde os tempos dos colonizadores também foram forçados a abandonar seus costumes e seus hábitos principalmente como se conversava com os animais e os vegetais. Mas muito dessas linguagens não foram esquecidas pelos nossos anciãos e até hoje continuam vivam dentro da realidade do povo Nukini. Segundo os pesquisadores, os animais e vegetais conversam com as pessoas principalmente com os indígenas através da alimentação, cura, como por exemplo, “quando fazemos um chá de uma medicina, temos que beber controlado por que se beber demais causa uma série de problema com a pessoa”. Para poder caçar o caçador antes de ir para a floresta colocam medicina no olho para enxergar as caças de longe. Eles também passam medicinas no corpo para que as caças não sintam o cheiro do corpo humano. As medicinas são sagradas para o povo Nukini. Assim o trabalho destaca a importância de conhecer a linguagem dos animais e vegetais através das histórias contadas pelos caçadores.

**Palavras-chave:** Povo Nukini, Caçadas, Mitos e histórias, Linguagens de Animais Vegetais.

---

<sup>1</sup> Samara é graduanda em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Email: shenipabu@gmail.com



## CONHECIMENTOS HUNI KUI DA MEDICINA DO NIXI PAE

Marcos Sampaio Feitosa Kaxinawá/Siã<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Pesquisa elaborada na comunidade Nova Aliança, rio Purus, sobre conhecimento tradicional do povo Huni Kuî da Medicina do nixi pae. Nixi pae é uma bebida tradicional utilizada na cerimônia, consagrando o chá. Para os povos indígenas, nixi pae é uma religião que muitas pessoas acreditam e estuda os espíritos e os poderes que permitem a comunicar com natureza. Ela é preparada a partir da combinação de duas plantas principais: Cipó e a folha de rainha, que se junta para fazer os preparos. Essas duas plantas contêm substância tradicional e espiritual. As pessoas que bebem nixi pae já vão comunicando com a natureza, pois ele transforma o seu corpo, produzindo visões e experiência, aprofundando aquilo que a natureza entrega, os poderes espirituais. O uso da medicina tradicional nixi pae é um estudo dos diversos espíritos que comunica com as pessoas e é considerada uma das medicina mais poderosa que traz cura espiritual. As pessoas recebem luz da natureza e viaja em estudo consagrando nixi pae. Ela também é uma conexão muito forte para consagrar na cerimônia, como é o caso do Santo Daime que conecta no mundo da vegetais e animais. É um estudo muito raro para nós, povo indígena huni kuî na aldeia Nova Aliança. Acreditamos na natureza, onde as pessoas transformam com os saberes espirituais, aquilo que nos fortalece no dia a dia na nossa comunidade. Essa medicina nos mantêm vivos, ensinando para Nova Geração. Hoje essa Medicina nixi pae está espalhada no mundo e nossos saberes tradicionais huni kuî já é compartilhado em vários lugares, que nosso povo leva. Mesmo assim, tem estudo diferente entre os povos que consagra. Assim, meditamos o nixi pae com cantoria, rezo sagrado de cura e outros que a natureza permite. Também consagramos a medicina nixi pae, nós povo huni kuî, em cada lugares que pertencemos. Tomamos para estudar e ver coisas boas que acontece futuramente e soprar coisa ruim para que não chega perto nas pessoas e, assim, ficar protegido na luz da natureza e do espírito que comunica no rezo sagrado, cura, banho e outros.

**Palavras-chave:** Povo Huni Kui, Medicina de Nixi pae, Linguagens de animais- vegetais, Música Huni Kui.

---

<sup>1</sup> Siã é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta.. E-mail: shenipabu@gmail.com



## YUINAHAW ATU KENE, PINTURAS TRADICIONAIS DOS ANIMAIS

Sina Yawanawa<sup>1</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O presente trabalho resulta de uma pesquisa que realizei na aldeia Nova Esperança, terra indígena Rio Gregório, em agosto de 2024. A pesquisa que realizei foi sobre o conhecimento tradicional do meu povo Yawanawa, que traduz a linguagem dos animais e vegetais através das pinturas tradicionais dos animais (YUINAHAW ATU KENE). Desenvolvi esta pesquisa durante um evento cultural entrevistando o cacique ISKUKUA Yawanawa de 34 anos de idade, especialista dentro dos conhecimentos sagrados do povo Yawanawa. Também entrevistei meu pai, um ancião de 54 anos, especialista nos contos tradicionais do povo Yawanawa, relacionado aos conhecimentos dos animais e vegetais, por meio dos quais nos comunicamos com a natureza. Também traduzimos a linguagem dos animais e vegetais através do grafismo, porque nessa tradução de linguagem, as histórias tradicionais (SHENIPAHU) estão ligadas com o grafismo, essas histórias tradicionais falam do grafismo dos animais e vegetais. Para a realização da pesquisa, fizemos junto com o ancião uma narrativa de uma história, ou seja, um mito, que narra a origem dos povos indígenas. A história se chama SHUVINI, A ORIGEM DOS POVOS. Este mito narra que a origem dos povos se deu a partir de um órgão humano que chamamos de NAWA REKU, quando foi colocado dentro de um cesto de palha (HUNATI), então o NAWA REKU se transformou em vários cocares, com as penas e peles de alguns animais, portanto, cada um tipo de cocar representou um povo diferente. O ancião explicou que a comunicação acontece quando a gente se identifica no grupo, que aquele animal representa seu povo. Sentimos a conexão quando sabemos que aquele animal [representa] nosso povo, através da cultura, tradição, costumes, personalidade, modo de agir, pensar, organizar e de se alimentar. E assim passamos a traduzir a linguagem dos animais e vegetais através das histórias, mitos e das artes visuais. Essa prática de conhecimento que nós fazemos é para desenvolver e fortalecer os mitos com o grafismo dos animais e vegetais. Os animais e vegetais que se envolvem nessa prática de conhecimento do meu povo, na história do SHUVINI são os animais que representam cada povo, que são: QUEIXADA (YAWA), JAPÓ (ISKU), JACAMIM (NEA), GARÇA (VITXU), PASSARO AZUL (SHANE), ARARA (SHAWA), ONÇA (YUMAI, KAMA), COBRA (RUNU), SAPO (PUYA), MORCEGO (KAXI) E ANTA (AWA). O vegetal é o UNI, medicina que bebemos para nos manter conectado com os nossos ancestrais no mundo espiritual. Portanto, escolhi esta prática de conhecimento para mostrar na prática através da arte visual, com o

---

<sup>1</sup> Sina Yawanawa é graduando em Licenciatura Indígena pela Ufac, Campus Floresta. Vive na aldeia Nova Esperança, Terra Indígena Rio Gregório, Acre. máximo.yawanawa@sou.ufac.br



objetivo de deixar registrado o conhecimento do povo Yawanawa, que traduz a linguagem do animal e vegetal.

**Palavras-chave:** Yawanawa, Pesquisa Yawanawa, Shuvini.



## PROCESSOS PARA PRÁTICA DE TECELAGEM HUNI KUIN

Txima Huni Kuin<sup>1</sup>

Alexandra Bruch Deitos<sup>2</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** O referido trabalho inicia-se com o ingresso na Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre (UFAC-Floresta) de Txima Huni Kuin, que vive na aldeia Arco Íris, na Terra Indígena Seringal Independência. O curso tem como especificidade as fases comunitárias, onde parte do semestre desenvolve-se na aldeia dos acadêmicos. Assim, com a pesquisa de conhecimentos ancestrais envolvendo a Fala da Terra e a Escrita dos Corpos em comunicação e tradução com mundos de animais e vegetais, o projeto passou a se desenvolver e tem se desdobrado em sua pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso, bem como na pesquisa de mestrado de Alexandra Bruch Deitos, as duas proponentes desta apresentação. A partir de um financiamento por meio de Edital de Lei de Incentivo realizou-se então a um passo importante, a 1ª Oficina de Técnica e Variações do Kene na aldeia Arco Íris. Visto que a técnica de tecelagem Huni Kuin, tradicionalmente transmitida de mães para filhas e de mestras anciãs para as jovens aprendizes, atualmente não está sendo repassada às novas gerações de mulheres nas comunidades, a oficina foi um marco importante no resgate desses encontros de conhecimentos. Durante quatro dias de oficina, as técnicas de tecelagem e suas variações foram executadas entre mestras e jovens, resgatando conexões e espaços para a prática da tradução de linguagens através do conhecimento da técnica dos grafismos sagrados dos animais e vegetais. Os processos foram registrados em audiovisual, além do registro material em painéis expostos na aldeia para pesquisa e consulta da comunidade. Contando com esse material aliado às nossas pesquisas, produzimos essa apresentação que reconta os caminhos percorridos no processo para prática da tecelagem Huni Kuin: cantoria sagrada do Bawe, aplicação do Bawe nas jovens aprendizes, montagem dos fios e dos teares, cantos de tecelagem, desenvolvimento do kene e suas variações.

**Palavras chaves:** Kene. Conhecimento Ancestral. Pesquisa Indígena. Fala da Terra. Escrita dos Corpos.

<sup>1</sup> Txima Huni Kuin é acadêmica da Licenciatura Indígena da UFAC – Floresta. Pertence ao povo Huni Kuin e vive na Terra Indígena do seu povo, na aldeia Arco Íris, localizada no município de Jordão. E-mail: [duzildapinheiro@gmail.com](mailto:duzildapinheiro@gmail.com)

<sup>2</sup> Alexandra Bruch Deitos é mestrande do Programa de Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL) da UFAC - Floresta. E-mail: [xandeitos@gmail.com](mailto:xandeitos@gmail.com)